



coimi.net



CONGRESSO
INTERNACIONAL

MUNDOS INDÍGENAS, AMÉRICA:

Histórias,
Territorialidades
e Saberes Indígenas

SIMPÓSIOS TEMÁTICOS

Realização



UNEB
UNIVERSIDADE DO
ESTADO DA BAHIA

 25-28 FEVEREIRO
2026
UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA

Apoio



SUMÁRIO

ST1 - ENTRE TERRAS, RIOS E FLORESTAS: POLÍTICAS INDIGENISTAS, DIREITOS DOS POVOS ORIGINÁRIOS E PROTEÇÃO SOCIOAMBIENTAL (SÉCULOS XX E XXI).....	5
ST2 - CORPOS-TERRITÓRIOS, ECOANIMALIDADES E OUTRAS COEXISTÊNCIAS EM ABYA YALA	5
ST3 - EDUCAÇÃO, HISTÓRIA(S) E QUESTÕES INDÍGENAS NAS AMAZÔNIAS	5
ST4 - LÍNGUAS INDÍGENAS: DIVERSIDADE, MEMÓRIA E PATRIMÔNIO HISTÓRICO-CULTURAL.....	6
ST5 - OCARA: PATRIMÔNIOS ITINERANTES, PATRIMÔNIOS EM REDE, PATRIMÔNIOS COMPARTILHADOS. AS COLEÇÕES MUSEAIS REVISITADAS POR MULHERES INDÍGENAS, PESQUISADORAS E ARTISTAS	6
ST6 - POLÍTICAS LINGUÍSTICAS PARA AS LÍNGUAS INDÍGENAS	7
ST7 - “CATEQUESE”, “LETRAMENTO” E “CIVILIZAÇÃO” NA COLÔNIA: ENTRE AS POLÍTICAS INDIGENISTAS E O PROTAGONISMO INDÍGENA (1500-1822)	7
ST8 - GRANDES EMPREENDIMENTOS ENERGÉTICOS E IMPACTOS EM TERRAS INDÍGENAS: PELO FIM DOS COMBUSTÍVEIS FÓSSEIS E POR UMA TRANSIÇÃO ENERGÉTICA JUSTA, INCLUSIVA E COM RESPEITO AOS POVOS INDÍGENAS, SEUS SABERES E NATUREZA.....	7
ST9 - SABERES ANCESTRAIS INDÍGENAS E EPISTEMOLOGIAS DECOLONIAIS: DIÁLOGOS ENTRE CIÊNCIA TRADICIONAL E TECNOLOGIAS CONTEMPORÂNEAS	8
ST10 - MAMELUCOS, LÍNGUA GERAL E PORTUGUÊS COLONIAL: PERSPECTIVAS INTERDISCIPLINARES PARA A HISTÓRIA SOCIAL E LINGUÍSTICA DO BRASIL	8
ST11 - OS SENTIDOS DA LINGUAGEM: VOZES, CORPOS E TERRITÓRIOS DE SIGNIFICAÇÃO	9
ST12 - RELACIONES LABORALES Y AGENCIA INDÍGENA EN SERVICIOS, OCUPACIONES Y CARGOS EN ABYA YALA COLONIAL	9
ST13 - VOLTAR ÀS FLORESTAS. A REVALORIZAÇÃO DA ÁRVORE NAS PRÁTICAS AGRÍCOLAS, ALIMENTARES E RITUAIS DAS COMUNIDADES INDIGENAS E TRADICIONAIS NOS DESAFIOS DO ANTROPOCENO.....	10
ST14 - LÉXICO, HISTÓRIA E MEMÓRIA: O LEGADO DOS POVOS INDÍGENAS.....	10
ST15 - ENCRUZILHADA ANCESTRAL: HISTÓRIA, MEMÓRIA, IDENTIDADE E RESISTÊNCIA INDÍGENA NO EXTREMO SUL DA BAHIA.....	10
ST16 - MULHERES INDÍGENAS ACADÊMICAS E CIÊNCIAS INDÍGENAS PARA O BEM-VIVER.....	11
ST17- DINÂMICAS TERRITORIAIS E PROCESSOS DE HABITAR.....	11
ST18 - EPISTEMOLOGIAS INDÍGENAS: EXPERIÊNCIAS INTERCULTURAIS NO SABER-FAZER ANTICOLONIAL EM ABYA YALA.....	12
ST19 - GÊNEROS, SEXUALIDADES E EXISTÊNCIAS NÃO NORMATIVAS EM CONTEXTOS INDÍGENAS.....	12
ST20 - POVOS INDÍGENAS E A FORMAÇÃO DOS ESTADOS NACIONAIS NAS AMÉRICAS	12
ST21 - PERSPECTIVAS INTERDISCIPLINARES NO ENFRENTAMENTO DOS PROCESSOS DE ETNOGENOCÍDIO DAS POPULAÇÕES INDÍGENAS EM CONFLITOS TERRITORIAIS.....	13
ST22 - PRODUÇÃO DE MATERIAIS DIFERENCIADOS PARA AS ESCOLAS INDÍGENAS	13
ST23 - LÍNGUAS INDÍGENAS DO NORDESTE: RESISTÊNCIAS, RESSURGIMENTOS E SUAS MARCAS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO.....	14
ST24 - MATERIAIS EDUCACIONAIS E EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA: PERSPECTIVAS HISTÓRICAS, LINGUÍSTICAS E ANTROPOLÓGICAS.....	14

ST25 - SABERES INDÍGENAS & UNIVERSIDADE: CAMINHOS PARA UMA EDUCAÇÃO INTERCULTURAL À LUZ DAS LEIS 11.645/2008 E 12.711/2012	15
ST26 - CONSTRUCCIÓN DE AGENCIAS INDIGENAS DESDE LA FORMACIÓN DE LAS FRONTERAS COLONIALES HASTA LA CONSOLIDACIÓN DE LOS TERRITRIOS NACIONALES	15
ST27 - ARTES, LITERATURAS E TERRITORIALIDADES: PERSPECTIVAS HISTÓRICAS DOS POVOS INDÍGENAS EM ABYA YALA	15
ST28 - CORPOS D'ÁGUA COMO ELEMENTOS PRIMORDIAIS DA VIDA. OS IMPACTOS SOBRE O MEIO AMBIENTE E OS POVOS INDÍGENAS NA ABYAYALA NA LONGA DURAÇÃO	16
ST29 - METODOLOGIAS DE PESQUISA E SISTEMATIZAÇÃO DAS CIÊNCIAS INDÍGENAS NAS UNIVERSIDADES: DISCURSO, EDUCAÇÃO, INTERCULTURALIDADE E TRANSDISCIPLINARIDADE	16
ST30 - ABORDAGENS DA HISTÓRIA INDÍGENA, SAÚDE, CIÊNCIAS E BEM VIVER: INTERMEDICALIDADE E ETNOMEDICINA (SÉCULOS XVI-XXI)	17
ST31 - UNIVERSIDADE É TERRITÓRIO INDÍGENA? CIÊNCIAS INDÍGENAS COMO AFIRMAÇÃO DO CORPO- TERRITÓRIO-MEMÓRIA	17
ST32 - POVOS INDÍGENAS E MISSÕES RELIGIOSAS NA ABYA YALA (SÉCULOS XVI-XIX)	18
ST33 - POVOS INDÍGENAS, SOCIODIVERSIDADES E DEBATES EDUCACIONAIS	19
ST34 - DESLOCAMENTOS, TERRITORIALIZAÇÕES E ESPACIALIDADES HUMANAS DOS POVOS INDÍGENAS NAS AMÉRICAS (XVI-XX)	19
ST35 - LITERATURAS INDÍGENAS: (RE/INS)ESCREVENDO ABYA YALA	19
ST36 - CONTRIBUIÇÕES DA HISTÓRIA INDÍGENA PARA ECONOMIA, POLÍTICA E ADMINISTRAÇÃO (SÉCULOS XVI A XIX)	20
ST37 - CARTOGRAFIAS DA MEMÓRIA: CULTURAS, MOVIMENTOS E HISTÓRIAS DOS POVOS INDÍGENAS NA AMAZÔNIA	20
ST38 - REDE DE SABERES, DIREITOS HUMANOS E MEMÓRIAS INDÍGENAS: O USO DE TECNOLOGIAS DIGITAIS, MATERIAIS PEDAGÓGICOS E METODOLOGIAS FREIREANAS	21
ST39 - MOVIMENTO E PROTAGONISMO INDÍGENA NA BAHIA – BRASIL: REEXISTÊNCIAS, RESILIÊNCIAS E AFIRMAÇÕES	21
ST40 - DOCUMENTAÇÃO LINGUÍSTICA NO CONTEXTO DE LÍNGUAS AMEAÇADAS: DESAFIOS E PERSPECTIVAS DO PROCESSO DE REVITALIZAÇÃO	22
ST41 - ENSINO DE HISTÓRIA INDÍGENA: PRÁTICAS, EXPERIÊNCIAS E DESAFIOS DOCENTES	22
ST42 - PEDAGOGIAS E CIÊNCIAS INDÍGENAS: REPENSANDO EDUCAÇÃO E EPISTEMOLOGIAS	23
ST43 - A IMPORTÂNCIA DA MULHER INDÍGENA NO PROCESSO DE RESISTÊNCIA DOS POVOS ORIGINÁRIOS	23
ST44 - EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA, FORMAÇÃO DE PROFESSORES(AS) E REVITALIZAÇÃO LINGUÍSTICA	24
ST45 - LUTAS E ALIANÇAS PELA TERRA: POVOS, SABERES E NATUREZA	24
ST46 - CURRÍCULO INTERCULTURAL DA ESCOLA INDÍGENA: HISTÓRIAS, TERRITÓRIOS E BASES EPISTÉMICAS NA FORMAÇÃO E PRÁTICA DE PROFESSORES INDÍGENAS	24
ST47 - RESISTÊNCIAS INDÍGENAS NO BRASIL COLONIAL	25
ST48 - DECOLONIALIDADE, DIREITOS HUMANOS E JUSTIÇA	25
ST49 - MATERNIDADES DIVERSAS Y POLÍTICAS DEL CUIDADO: UN ENFOQUE INTERDISCIPLINARIO Y CREATIVO	26

ST50 - CARTOGRAFIAS DE REEXISTÊNCIA: SABERES COM O LUGAR E TERRITORIALIDADES VIVIDAS ...	26
ST51 - O PROTAGONISMO DAS MULHERES INDÍGENAS: NARRATIVAS, MEMÓRIAS E TRAJETÓRIAS DE SEU CORPO-TERRITÓRIO NA RECONSTRUÇÃO DO BEM VIVER.....	26
ST52 - LÍNGUAS INDÍGENAS DE SINAIS - LIS E LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS - LIBRAS	27
ST53 - ARQUEOLOGIA, PATRIMÔNIO CULTURAL E TERRITÓRIOS INDÍGENAS: DISPUTAS E RESSIGNIFICAÇÕES.....	27
ST54 - ELITES INDÍGENAS NA IBERO-AMÉRICA: AGÊNCIAS, EXPERIÊNCIAS E PROTAGONISMOS (SÉC. XVI-XIX).....	28
ST55 - CONFLUÊNCIAS DOS VALORES CIVILIZATÓRIOS INDÍGENAS E AFRO-BRASILEIROS PARA PENSAR A EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS	28
ST56 - EDUCAÇÃO, ENSINO DE HISTÓRIA E ANTROPOLOGIA: POSSIBILIDADES E ENCONTROS ENTRE SABERES TRADICIONAIS E DEBATES INTERDISCIPLINARES PARA OS MUNDOS INDÍGENAS	29
ST57 - HISTÓRIA DOS POVOS INDÍGENAS DO BRASIL: LUTAS, DIREITOS E RESISTÊNCIAS	29
ST58 - TEXTUALIDADES INDÍGENAS: LINGUAGENS PLURAIS, ANCESTRAIS E CONTEMPORÂNEAS	30
ST59 - CIRCULAÇÃO DE MULHERES INDÍGENAS: CUIDADO, RESISTÊNCIA E EXPERIÊNCIA	30
ST60 - EPISTEMOLOGIAS INDÍGENAS E DIÁLOGOS INTERCULTURAIS NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES INDÍGENAS.....	30
ST61 - A OBRIGATORIEDADE DO ESTUDO DA HISTÓRIA E CULTURA DOS POVOS ORIGINÁRIOS DA ABYA YALA PELO VIÉS DA LEI 11.645/2008	31
ST62 - ETNOPOLÍTICA E DESAFIOS DAS COMUNIDADES INDÍGENAS	31
ST63 - VOZES, CORPOS, LETRAS: A LITERATURA INDÍGENA E A HISTORIOGRAFIA LITERÁRIA BRASILEIRA	32
ST64 - LITERATURAS, MÍDIAS E ARTES INDÍGENAS.....	32
ST65 - PARA UMA MUSEOLOGIA SOCIAL: POVOS INDÍGENAS, AFROLATINO-AMERICANOS-CARIBENHOS E COMUNIDADES TRADICIONAIS NA GESTÃO DE POLÍTICAS E ACERVOS MUSEAIS	33
ST66 - MUNDOS COLONIAIS: O VIVER EM COLÔNIAS NA PRIMEIRA MODERNIDADE E OS POVOS INDÍGENAS NA ABYA YALA	33
ST67 - POLÍTICAS INDIGENISTAS E INDIGENAS NO SÉCULO XXI: ENTRE CONQUISTAS E AMEAÇAS.....	34
ST68 - COSMOLOGIAS INDÍGENAS, LITERATURA E TRADUÇÃO: DIANTE DO ANTROPOCENO	34
ST69 - (RE)TERRITORIALIZAÇÃO, TERRITORIALIDADE E OUTRAS ENCRUZILHADAS TERRITORIAIS INDÍGENAS.....	34
ST70 - CIRCULAÇÃO DE RENDA ENTRE POVOS ORIGINÁRIOS: ETNOGRAFIAS SOBRE DINHEIRO, SABERES E RESISTÊNCIAS	35
ST71 - ANTROPOLOGIA JURÍDICA, DIREITOS INDÍGENAS E POLÍTICAS PÚBLICAS: DESAFIOS E PERSPECTIVAS A PARTIR DO COPIBA NA BAHIA.....	35

ST1 - ENTRE TERRAS, RIOS E FLORESTAS: POLÍTICAS INDIGENISTAS, DIREITOS DOS POVOS ORIGINÁRIOS E PROTEÇÃO SOCIOAMBIENTAL (SÉCULOS XX E XXI)

Coordenação:

Julio Cesar de Sá da Rocha (UFBA)

Eduardo Lima de Matos (UFS)

Manuella Maria Vergne Cardoso (UNEB)

O Simpósio Temático analisa, em perspectiva histórico-crítica, as políticas indigenistas e as agendas dos povos indígenas no Brasil (séculos XX–XXI), evidenciando lutas, conquistas e desafios na interface com o direito ambiental. Aborda a passagem da tutela à autodeterminação, a afirmação de direitos territoriais, culturais e socioambientais e os embates em torno da demarcação, da gestão ambiental e da proteção de biomas. O enfoque combina leitura jurídico-política de normas constitucionais e infraconstitucionais, políticas públicas e decisões judiciais que incidem sobre terras indígenas, recursos naturais, unidades de conservação e obras de infraestrutura. Acolhe pesquisas empíricas e teóricas, estudos de caso, relatos de experiências e análises comparadas, valorizando abordagens interculturais e decoloniais. Eixos: governança territorial e ambiental; consulta livre, prévia e informada; mudanças climáticas e justiça climática; segurança alimentar e manejo tradicional; conflitos socioambientais e reparação; educação ambiental e formação jurídica. Objetiva promover diálogo entre academia, lideranças, docentes e gestores, fortalecer redes de pesquisa e incidência e gerar subsídios para políticas públicas e litigância estratégica em defesa dos povos originários e da integridade ecológica. Espera mapear agendas emergentes, sistematizar metodologias colaborativas e consolidar boas práticas e recomendações. Formato: comunicações orais e pôsteres, com avaliação por pares e devolutivas construtivas, destinado a pesquisadores, estudantes, docentes, gestores públicos e lideranças indígenas.

ST2 - CORPOS-TERRITÓRIOS, ECOANIMALIDADES E OUTRAS COEXISTÊNCIAS EM ABYA YALA

Coordenação:

Vivian Catarina Dias (UNIFESP)

Este Simpósio Temático abre diálogos acerca de um dos conceitos-vivos mais potentes das práticas e estudos anti/descoloniais: corpo-território. As lutas dos diversos povos, em especial das mulheres e suas coletividades, acontecem no compartilhar de experiências e coabitações com outras ecologias, animalidades e existências, ampliando as configurações dos corpos-territórios e fertilizando relações sufocadas pela colonialidade-modernidade capitalista. Ativismos e teorias confluem nas lutas ecofeministas, nas ecologias políticas latino-americanas, nas experiências dos territórios-corpos-terras-águas, nos (eco)feminismos comunitários e outras práticas, convivências e cuidados, constituindo-se em modos de deslocar a naturalização do conceito de antropoceno e dos cenários apocalípticos propalados pelo capitalismo neoliberal; ações-investigações tecidas e fertilizadas por outros presentes e porvires terrenos e pelos diversos corpos animais, vegetais, minerais, geológicos, meteorológicos. Exercícios que revelam performances, simulacros e maquinários cujos dispositivos reificam o binarismo natureza versus cultura, humanos versus não humanos, mulher e natureza sinônimos de corpos sem volição que apenas geram e podem ser violados, corpus da Terra transformando em recursos naturais exploráveis, capturas de imaginários por políticas e discursos que anestesiam os sentidos, produzem inimizades e dão a impressão de impossibilidade tanto de escape quanto de permanência das outras vidas no corpus terreno. No entanto, ao contrário das armadilhas de fim-do-mundo, os corpos-territórios se entretecem em alianças densas com as múltiplas ecologias, biologias, geologias da Terra.

ST3 - EDUCAÇÃO, HISTÓRIA(S) E QUESTÕES INDÍGENAS NAS AMAZÔNIAS

Coordenação:

Marcos Andre Ferreira Estacio (UEA)

Lucas Milhomens Fonseca (UFCSPA)

O presente Simpósio Temático (ST) tem a intenção de ampliar os espaços de discussão e estudos teóricos e empíricos voltados a temas que tenham uma relação entre a educação, as histórias e as questões indígenas na região Amazônica. Priorizaremos reflexões interdisciplinares que abordem temáticas como ações afirmativas – acessos e permanências na Educação Básica e no Ensino Superior –, histórias de processos comunicacionais e educacionais – inclusive não formais –, interculturalidade crítica, teoria crítica, decolonialidade – do saber, do poder, do ser... –, movimentos sociais e movimentos indígenas e experiências de lutas e de resistências dos povos originários das Amazônias. Compreendemos que a educação, as histórias e as questões indígenas nas Amazônias estão permeadas por tentativas de negação, aniquilação, embranquecimento, apagamento... que insistem na invisibilização dos muitos percursos histórico-educacionais vivenciados na região Amazônica, bem como desconsideram as lutas, as resistências e as (re)existências dos povos originários, dos negros, dos ribeirinhos..., as quais também são marcadas por relações e ações de assimilação, repressão étnica, além da prática sistemática de genocídios. Nesse sentido, na perspectiva teórico-metodológica apontada para a recepção de trabalhos neste Simpósio Temático, defendemos que os estudos educacionais-históricos e as questões indígenas na região Amazônica podem incentivar e encorajar a tessitura de trabalhos que construam e rearticulam contextos sociais marcados pelas colonialidades, sobretudo envolvendo os povos indígenas, os movimentos sociais e os processos histórico-educacionais radicados no território – que também é um importante espaço geopolítico nacional – conhecido como Amazônia.

ST4 - LÍNGUAS INDÍGENAS: DIVERSIDADE, MEMÓRIA E PATRIMÔNIO HISTÓRICO-CULTURAL

Coordenação:

Arlete Schubert Tupinambá (Faculdade Unida de Vitória)

Ricardo Ramos Tupinikim (UNEB)

Este simpósio temático propõe reunir e promover estudos dedicados às histórias, culturas e línguas indígenas, enfatizando sua relevância como patrimônio histórico-cultural e memória viva dos povos originários. Busca-se articular reflexões que considerem a diversidade linguística como expressão fundamental da pluralidade cultural, abordando processos de transmissão de saberes, oralidades, tradições e cosmologias. A proposta contempla pesquisas baseadas em documentação histórica, etnográfica e, em especial, linguística, que permitam compreender as transformações, resistências e continuidades no uso e preservação das línguas indígenas. Também se destaca o papel da linguagem como instrumento de identidade, de construção de memória coletiva e de afirmação política diante dos desafios contemporâneos impostos pelo contato colonial e pelas políticas de apagamento cultural. Além disso, este espaço pretende valorizar iniciativas de revitalização linguística e práticas pedagógicas voltadas à preservação e ao fortalecimento dessas línguas, reconhecendo sua importância na formação de uma sociedade mais plural, justa e inclusiva. Assim, este simpósio se constitui num fórum de diálogo interdisciplinar, integrativo da linguística, antropologia, história e educação.

ST5 - OCARA: PATRIMÔNIOS ITINERANTES, PATRIMÔNIOS EM REDE, PATRIMÔNIOS COMPARTILHADOS. AS COLEÇÕES MUSEAIS REVISITADAS POR MULHERES INDÍGENAS, PESQUISADORAS E ARTISTAS

Coordenação:

Brigitte Thierion (Université Sorbonne Nouvelle, Paris)

Joelle Le Marec (Museum National d'Histoire Naturelle, Paris)

Fernanda Mendonça Pitta (USP)

Muitos museus finalmente abriram suas portas e seus acervos a representantes de povos indígenas em busca de seu patrimônio espalhado nos países colonizadores. As colaborações que foram estabelecidas, os diálogos interculturais em torno dos artefatos, a circulação de conhecimentos e pessoas durante essas experiências de museologia colaborativa, mostram um processo muito real de transformação e hibridização no museu. A par dessas questões, este simpósio se concentrará em destacar as trajetórias de mulheres indígenas engajadas em pesquisas científicas, históricas, artísticas, literárias ou espirituais na companhia dos “objetos” de seus ancestrais redescobertos com museus.

ST6 - POLÍTICAS LINGUÍSTICAS PARA AS LÍNGUAS INDÍGENAS

Coordenação:

Adriana Oliveira de Sales (UFGD)

Este simpósio temático tem como objetivo reunir pesquisas e experiências que discutam as políticas linguísticas voltadas aos povos indígenas, enfatizando a articulação entre direitos linguísticos, processos de cooficialização de línguas, educação escolar indígena e o acesso a serviços públicos. A proposta parte de perspectivas críticas de política linguística, fundamentadas em autores como Spolsky (2004), Calvet (2005; 2007), Hamel (1993), Ricento (2000) e Lagares (2018), que problematizam os processos de planejamento e gestão das línguas em contextos marcados por desigualdades sociais e históricas. Pretende-se discutir, entre outros aspectos, a continuidade entre políticas de status, corpus e aquisição (Hornberger, 2008) e seus efeitos sobre a vitalidade linguística, a diversidade cultural e a produção de conhecimentos em contextos interculturais. O simpósio acolhe trabalhos que abordem processos de demarcação linguística e territorial, formação de professores indígenas, elaboração de materiais didáticos, tradução e interpretação comunitária, linguística forense comunitária, protocolos de atendimento bilíngue em saúde e justiça, bem como experiências de planejamento linguístico desenvolvidas por organizações indígenas. Ao promover o diálogo entre pesquisadores, lideranças indígenas e agentes públicos, o simpósio busca identificar desafios e propor recomendações que contribuam para a consolidação dos direitos linguísticos como direito humano.

ST7 - “CATEQUESE”, “LETRAMENTO” E “CIVILIZAÇÃO” NA COLÔNIA: ENTRE AS POLÍTICAS INDIGENISTAS E O PROTAGONISMO INDÍGENA (1500-1822)

Coordenação:

Fabrício Lyrio Santos (UFRB)

Pedro Daniel dos Santos Souza (UNEB)

Wania Alexandrino Viana (UFOPA)

Este Simpósio Temático visa reunir trabalhos que discutam as políticas de “catequese”, “letramento” e “civilização” dos povos indígenas no Brasil, no período colonial, enquanto dimensões fundamentais da colonialidade moderna. Entende-se como necessária a compreensão das políticas indigenistas construídas e desenvolvidas no período, como parte indissociável dos processos de conquista, povoamento e colonização, que envolveram diferentes níveis de violência cultural e material, incluindo das tentativas de imposição da religião, da língua e do modo de vida europeus, até a guerra e a escravização. Em contrapartida, as políticas indígenas, caracterizadas pelas ações e pelo protagonismo indígenas, fizeram-se presentes desde os primeiros contatos, demarcando o espaço da resistência e da contracolonialidade, em diferentes temporalidades, abarcando diversos espaços e territórios. Nesse sentido, o conceito de política indígena possibilita uma percepção mais ampliada e aprofundada do processo histórico, destacando episódios, indivíduos e grupos que deixaram marcas na documentação, seja por meio da apropriação das ferramentas do colonizador, como a religião e a cultura escrita, seja por meio da recusa e do enfrentamento. Propõe-se aqui um espaço de discussão voltado para a análise histórica interdisciplinar das ideias e ações do colonizador, mas também da agência histórica indígena, desde a invasão europeia até as primeiras décadas do XIX.

ST8 - GRANDES EMPREENDIMENTOS ENERGÉTICOS E IMPACTOS EM TERRAS INDÍGENAS: PELO FIM DOS COMBUSTÍVEIS FÓSSEIS E POR UMA TRANSIÇÃO ENERGÉTICA JUSTA, INCLUSIVA E COM RESPEITO AOS POVOS INDÍGENAS, SEUS SABERES E NATUREZA

Coordenação:

Gabriela Fernandes Feliciano Murua (UNEB/APOINME)

Dinamam Tuxá (APOINME/APIB)

A Articulação de Povos Indígenas do Nordeste, Minas Gerais e Espírito Santo (APOINME) tem realizado ampla pesquisa com foco no mapeamento de empreendimentos energéticos próximos ou dentro de terras indígenas (TIs). O que já se constatou foi uma grande diversidade e quantidade de

empreendimentos de energia em todo território de atuação, dentre usinas hidrelétricas, eólicas, solar fotovoltaica, mineração associada à produção de energia – inclusive nuclear – produção de petróleo e gás natural, termelétricas e linhas de transmissão. É importante destacar que os povos indígenas de regiões não-amazônicas representam cerca de 40% da população originária e vivem em territórios equivalentes a apenas pouco mais de 1% da superfície demarcada no Brasil. Na área da APOINME, existe em torno de 200 TIs sem providência – ou seja que sequer foram iniciados os estudos para suas demarcações – e cerca de 50 que aguardam a conclusão do processo. A vulnerabilidade territorial promove a proliferação de conflitos fundiários, inclusive violentos, o que reforça a necessidade de mapear tais empreendimentos e realizar escutas juntos aos povos para identificar as reais violações sofridas, que são recorrentemente subdimensionadas e/ou invisibilizadas nos estudos previstos pelos licenciamentos ambientais. Esse simpósio temático terá como objetivo congrega trabalhos que reflitam e debatam situações de violações em TIs impactadas por empreendimentos energéticos – com destaque aos vinculados à exploração de Petróleo e Gás e os decorrentes da assim chamada “transição energética”, com ênfase nas hidrelétricas, eólicas e solares.

ST9 - SABERES ANCESTRAIS INDÍGENAS E EPISTEMOLOGIAS DECOLONIAIS: DIÁLOGOS ENTRE CIÊNCIA TRADICIONAL E TECNOLOGIAS CONTEMPORÂNEAS

Coordenação:

Rosilene Dias Montenegro (UFCG)

Este simpósio temático propõe investigar as intersecções entre os saberes ancestrais dos povos indígenas e as epistemologias científicas contemporâneas, questionando as hierarquias coloniais do conhecimento que historicamente marginalizaram as ciências tradicionais indígenas. A partir de uma perspectiva decolonial, busca-se compreender como os conhecimentos ancestrais sobre medicina, agricultura, astronomia, engenharia ecológica e tecnologias sustentáveis podem contribuir para a construção de novos paradigmas científicos mais inclusivos e ecologicamente responsáveis. O simpósio visa também analisar criticamente o imaginário colonial que ainda permeia as representações dos povos indígenas na ciência ocidental, perpetuando estereótipos que os retratam como "primitivos" ou "pré-científicos", quando na realidade são portadores de sofisticados sistemas de conhecimento desenvolvidos ao longo de milênios. Através de diálogos interdisciplinares entre pesquisadores indígenas e não-indígenas, antropólogos, historiadores, cientistas e educadores, pretende-se evidenciar como os saberes tradicionais podem oferecer soluções inovadoras para os desafios contemporâneos, desde a crise climática até o desenvolvimento de tecnologias sustentáveis. O simpósio acolherá trabalhos que abordem experiências de educação intercultural científica, processos de documentação e revitalização de conhecimentos tradicionais, análises sobre a apropriação indevida de saberes indígenas pela ciência ocidental, e propostas de metodologias colaborativas que reconheçam a legitimidade epistemológica dos sistemas de conhecimento indígenas. Espera-se contribuir para a descolonização da ciência e para o fortalecimento de diálogos respeitosos entre diferentes formas de conhecer e compreender o mundo.

Palavras-chave: Saberes ancestrais; Epistemologias decoloniais; Ciência indígena; Tecnologias tradicionais; Imaginário colonial.

ST10 - MAMELUCOS, LÍNGUA GERAL E PORTUGUÊS COLONIAL: PERSPECTIVAS INTERDISCIPLINARES PARA A HISTÓRIA SOCIAL E LINGÜÍSTICA DO BRASIL

Coordenação:

Bruna Trindade Gome Carneiro (UEFS)

Alícia Duhá Lose (UFBA)

Zenaide de Oliveira Novais Carneiro (UEFS)

O simpósio propõe discutir, de forma interdisciplinar, a presença e o papel dos mamelucos na formação histórica e linguística do Brasil, considerando sua atuação como intermediários culturais, sertanistas e agentes da interiorização colonial. A partir de documentação inquisitorial, registros administrativos, petições e fontes demográficas, serão debatidas as condições sociopolíticas e linguísticas que envolveram a população mestiça luso-indígena, bem como os impactos de sua circulação entre aldeias, vilas e sertões na expansão das fronteiras para além do Tratado de Tordesilhas. O eixo central será a

análise das interações entre a Língua Geral (em suas variantes paulista e amazônica) e o português colonial, considerando hipóteses como a de que parte do que a documentação nomeia como “língua geral” poderia corresponder a variedades do português marcadas por interferências de línguas indígenas e africanas. As comunicações pretendem integrar abordagens da história social, da etno-história e da filologia, explorando o papel de sujeitos historicamente marginalizados na constituição do português brasileiro. O simpósio acolhe propostas que dialoguem com a formação de corpora documentais para estudo do português popular e culto, com destaque para metodologias que permitam acessar registros de populações não-brancas no período colonial. Busca-se, assim, fomentar um espaço de diálogo entre pesquisadores de diferentes áreas interessados nas relações entre política linguística, história social e práticas escritas no Brasil dos séculos XVI ao XIX.

ST11 - OS SENTIDOS DA LINGUAGEM: VOZES, CORPOS E TERRITÓRIOS DE SIGNIFICAÇÃO

Coordenação:

Márcia Vieira da Silva (UnB)

Viviane de Melo Resende (UnB)

A linguagem, em suas múltiplas expressões, é mais do que um instrumento de comunicação ela é memória, território e identidade. Ao longo da história, diferentes campos do conhecimento buscaram compreender seus sentidos, mas é no diálogo entre culturas, tempos, e epistemologias que ela revela toda a sua potência. Ela pulsa no corpo, habita o silêncio, se inscreve no gesto e ecoa na voz. Este simpósio temático propõe diálogo e reflexão sobre a linguagem em suas múltiplas formas e dimensões: oral, escrita, gestual, visual, sonora e simbólica. A proposta é reunir comunicações orais que abordem a linguagem como fenômeno vivo, capaz de transmitir saberes, construir identidades, resistir a apagamentos e criar novos horizontes de sentido. Partindo de perspectivas interculturais e interdisciplinares, o simpósio convida a explorar os modos como a linguagem se inscreve no corpo, no território e na memória coletiva, abrindo caminhos para uma compreensão mais ampla, crítica e sensível do seu papel no mundo contemporâneo. Os eixos temáticos propostos incluem: Linguagem como Memória e Território; Corpo e Sentidos na Linguagem; Linguagem, Resistência e Poder; Interculturalidade e Multimodalidade em estudos de linguagem; Cosmologias e perspectivas não eurocentradas sobre linguagem; Linguagem como ponte entre o humano e outras formas de vida. O Simpósio está vinculado ao INCT Caleidoscópio.

ST12 - RELACIONES LABORALES Y AGENCIA INDÍGENA EN SERVICIOS, OCUPACIONES Y CARGOS EN ABYA YALA COLONIAL

Coordenação:

Xochitl Inostroza Ponce (Universidad de Santiago de Chile)

Rossana Barragán Romano (Universidad Mayor de San Andrés/International Institute for Social History)

Teresa Vergara Ormeño (Pontificia Universidad Católica del Perú)

El ámbito del trabajo indígena en las últimas décadas se ha complejizado desde diversas perspectivas, problematizando lo que se entiende por trabajo, espacios y relaciones laborales. El simposio propone un acercamiento interdisciplinario a los diversos temas que convergen en las relaciones laborales y las agencias indígenas que se despliegan en América (Abya Yala) colonial, centradas en los siguientes ejes: 1) La agencia indígena en el entramado, combinación y articulación de relaciones económicas y laborales, así como su vinculación a conjuntos de leyes y ordenanzas que estructuran y organizan diversas actividades productivas a través del tiempo. 2) Léxicos de trabajos en acción. Se considera fundamental recuperar el léxico en lenguas indígenas de diversos servicios y ocupaciones que atraviesan toda actividad en las diferentes sociedades indígenas, con sus peculiaridades y características y que pueden develar mundos de significados. 3) Identificar tipos de servicios y sitios laborales en los que participa las sociedades indígenas atravesados por relaciones de género, así como dar cuenta de los discursos de género y las distinciones prácticas de género en las relaciones laborales. 4) Pensar en el complejo tema de las remuneraciones en especie y en moneda, así como los sitios laborales en los que se trabaja, sus condiciones, interconexiones y articulaciones. 5) Estrategias de organización, reacomodo, disputas y resistencias indígenas e identidades individuales y colectivas de las poblaciones originarias alrededor de algunas actividades laborales. 6) Las agencias indígenas en

cargos civis e religiosos que homens e mulheres assumiam ao longo de sua vida para compreender o valor que a sociedade colonial lhes deu a estas atividades, assim como dilucidar a confluência da pressão colonial institucional e da agência dos coletivos e indivíduos.

ST13 - VOLTAR ÀS FLORESTAS. A REVALORIZAÇÃO DA ÁRVORE NAS PRÁTICAS AGRÍCOLAS, ALIMENTARES E RITUAIS DAS COMUNIDADES INDÍGENAS E TRADICIONAIS NOS DESAFIOS DO ANTROPOCENO

Coordenação :

Pascale de Robert (Institut de Recherche pour le Développement (IRD-França))

Claudia López-Garcés (Museu Paraense Emílio Goeldi)

Julie Cavnac (UFPA)

Ontem como hoje, muitas comunidades indígenas e tradicionais já experimentaram catástrofes ou mudanças socioambientais fortes sem entrar em colapso. Que lições elas nos dão enquanto adiamos a necessária transição ecológica? Podemos nos inspirar em suas filosofias e formas de estar no mundo para repensar a relação de nossa sociedade com o mundo vegetal? O principal objetivo deste simpósio é discutir o papel das plantas na construção cotidiana da resiliência nas sociedades tradicionais, com foco em algumas espécies emblemáticas, especificamente “as árvores que alimentam”. De objetos paisagísticos invisíveis ou invisibilizados a patrimônios oficiais, de comida de pobre a “super” alimento, de espécies abandonadas do mato a variedades locais revalorizadas, essas árvores ou seus frutos e espécies associadas estão sendo revalorizadas nos projetos das comunidades locais. Diante das crises socioambientais do Antropoceno, as experiências e as vozes das comunidades indígenas e tradicionais devem inspirar com urgência as políticas globais.

ST14 - LÉXICO, HISTÓRIA E MEMÓRIA: O LEGADO DOS POVOS INDÍGENAS

Celina Marcia de Souza Abbade (UNEB)

Cleste Mary Prudente Correia (UNEB)

Ticiane Rodrigues Nunes (URCA)

Este simpósio tem como objetivo maior divulgar e discutir pesquisas relacionadas ao legado indígena, refletidas nos estudos do léxico, as quais, inseridas no âmbito da pesquisa, do ensino e da extensão, vêm sendo desenvolvidas nas diversas regiões do Brasil. Acredita-se que teremos a oportunidade de discutir acerca dos estudos lexicais e o quanto estes têm contribuído, tanto para o resgate linguístico, como também de aspectos socioculturais e históricos do povo autóctone que formou o nosso país. Através das Ciências do Léxico, pretendemos ampliar o diálogo entre os pesquisadores que se dedicam à temática indígena, na busca da construção de caminhos epistemológicos, históricos, linguísticos, políticos, decoloniais e interdisciplinares, com ênfase nas questões de história, de territorialidades e de saberes indígenas, buscando resgatar a valorização das línguas/linguagens, suas culturas e etnicidades. Dessa forma, buscaremos proporcionar, neste simpósio, um espaço de relações de trocas e interculturalidades nas diferentes perspectivas das Ciências do Léxico, visando a expansão de políticas de revitalização e retomada linguística do legado indígena.

ST15 - ENCRUZILHADA ANCESTRAL: HISTÓRIA, MEMÓRIA, IDENTIDADE E RESISTÊNCIA INDÍGENA NO EXTREMO SUL DA BAHIA

Coordenação:

Daniilo Silva Guimarães (USP)

Gabriela Andrade da Silva (UFSB)

Halysson Gomes da Fonseca (UNEB)

O Extremo Sul da Bahia está assentado em encruzilhadas históricas: foi a primeira região colonizada por portugueses, em um movimento marcado por intensos conflitos, com aniquilação ou exploração da natureza e dos povos originários, que, junto com pessoas negras, capturadas em diversas partes de África, constituíram a força de trabalho que tornaria a colônia produtiva para a metrópole europeia. Essa história sempre foi contada a partir das conquistas de pessoas brancas, ricas, católicas,

escolarizadas, apagando-se, estrategicamente, as memórias de outros povos. Academicamente ou por meio das tradições orais, reconhecemos a importância da memória para a construção de identidade e resistência, na conexão com a ancestralidade e com o próprio território. As memórias dão sentido à existência e formatam corpos que resistem, ao sentirem-se parte de um tecido coeso, tornando-se uma das principais armas contra o espreitamento do poder colonial. Assim, este Simpósio Temático promoverá o encontro entre experiências de ensino, extensão e pesquisa com indígenas do Extremo Sul da Bahia. O território compartilhado e as memórias serão o fio que costura experiências em Psicologia Indígena, oferta de cursos de graduação interculturais indígenas, estudos linguísticos e literários e preservação de saberes ancestrais indígenas em terreiro de umbanda, realçando a persistência ou a reconstrução das identidades indígenas que, enfrentando cinco séculos de violências, ainda se afirmam. Esperamos que essa aproximação seja a pedra fundamental de uma rede de trabalho interdisciplinar e interinstitucional com indígenas do Extremo Sul da Bahia, em construção.

ST16 - MULHERES INDÍGENAS ACADÊMICAS E CIÊNCIAS INDÍGENAS PARA O BEM-VIVER

Coordenação:

Isabel Teresa Cristina Taukane (INCT Caleidoscópio Centro-Oeste)

Nanah Sanches Vieira (UnB)

Simone Eloy Amado (INCT Caleidoscópio Centro-Oeste)

A presença das indígenas mulheres na academia parte de uma mudança na própria percepção de seus papéis em suas comunidades, nas organizações indígenas, na política institucional e no campo da produção científica, cujo pano de fundo é a urgência na defesa de direitos envolvendo a demarcação das terras indígenas, condições adequadas de saúde, soberania alimentar e a educação escolar. Um caminho que se abre é o de conhecer produções acadêmicas de autoria indígena e não-indígena em termos de como contribuem para o fortalecimento dos laços sociais na diversidade, promovendo diálogos científicos e alianças – afetivas, epistêmicas, ontológicas e comunitárias – em profunda articulação entre as categorias próprias das ciências indígenas, do arcabouço teórico-conceitual ocidental e outras cosmovisões, referências e saberes para reivindicar uma universidade verdadeiramente pluriepistêmica. Este Simpósio Temático busca contribuir para a incorporação desse diálogo na formulação, implementação e avaliação de projetos, ações, metodologias, materiais didáticos ou programas que contribuam para melhorar a vida nas comunidades e fortalecer perspectivas interculturais. São esperadas pesquisas que tratam de temáticas pertinentes às indígenas mulheres de Abya Yala, às ciências indígenas e como a pesquisa acadêmica retorna para as populações indígenas colaborando para o Bem-Viver. Também são bem-vindas as comunicações que apresentam vivências indígenas acadêmicas engendradas no território científico, inclusive das situações de violência de gênero e racismo que as afetam neste contexto e em seus territórios, contribuindo para a reflexão sobre a importância de políticas específicas para o enfrentamento dessas violências.

ST17- DINÂMICAS TERRITORIAIS E PROCESSOS DE HABITAR

Coordenação:

Marianna Araújo de Queiroz (UFPB)

Marlon Nilton da Silva Galvão (UFPB)

Este Simpósio Temático procura estimular e promover debates sobre o caráter processual do espaço e suas interrelações entre aspectos ambientais, materiais, sociais, políticos, econômicos, técnicos e simbólicos. Espera-se que os trabalhos apresentem investimento empírico e que privilegiem a análise das dinâmicas territoriais e lógicas indenitárias. Considera-se de grande relevância a abordagem de atividades técnicas que incluem coleta, cultivo, criação, produção, uso e circulação em diferentes escalas. Para compreender tais processos resulta significativo focar as experiências práticas do habitar, os conhecimentos e as habilidades que estão na base das cadeias operatórias e da organização técnica. Nestes termos, refletir e analisar a dimensão espacial das atividades técnicas e dos processos vitais que as mobilizam torna-se fundamental para realização tanto de pesquisas empíricas quanto nas elaborações analíticas em torno da paisagem de tarefas (Ingold, 2021).

ST18 - EPISTEMOLOGIAS INDÍGENAS: EXPERIÊNCIAS INTERCULTURAIS NO SABER-FAZER ANTICOLONIAL EM ABYA YALA

Coordenação:

Andrisson Ferreira da Silva (UFSC)

Juliana Salles Machado (UFSC)

Quais conhecimentos contam? Com quem, de onde e para quem estão sendo produzidos? Experiências múltiplas despontam na produção científica recente em que os povos indígenas têm protagonizado deslocamentos significativos no conhecimento acadêmico a partir de um sentir-pensar experiencial que constrói sociabilidades mais que humanas enquanto tecem seus corpos-territórios. Contudo, as formas da colonialidade persistem como eixo estruturante e ainda hegemônico. O presente simpósio é um convite para compartilharmos produções que partem de perspectivas anticoloniais, contrárias à neutralidade dos sujeitos e sujeitas construtores do conhecimento, reconhecendo seus lugares de fala, corpos e subjetividades. Buscamos nos caminhos inter/transdisciplinares, colaborativos e interculturais, entender a potência das discussões indígenas em múltiplas áreas como a História, Arqueologia, Antropologia, Filosofia, Direito e/ou demais disciplinas, ou as extrapolam desde os territórios, os movimentos sociais e demais organizações sociais. Assim, entendendo que a contradição precisa ser encarada na superação das dualidades a fim de experienciarmos de maneira ativa e política a descolonização de teorias e metodologias de pesquisas na produção de um conhecimento mais simétrico e diverso.

ST19 - GÊNEROS, SEXUALIDADES E EXISTÊNCIAS NÃO NORMATIVAS EM CONTEXTOS INDÍGENAS

Coordenação:

Kiga Boe (UFG/Rede Arandu)

Flávia Belmont (UnB/INCT Caleidoscópio/Rede Arandu)

Tchella Fernandes Maso (UnB/INCT Caleidoscópio/Rede Arandu)

O simpósio reunirá trabalhos e pesquisadoras(es) que examinam relações de gênero e sexualidade em contextos indígenas nas Américas, com ênfase em existências que desafiam a lógica colonial cisheteronormativa. Serão exploradas análises sobre o movimento indígena LGBTQIAPN+ e reflexões sobre o uso e torções da noção queer em realidades indígenas, considerando suas ressignificações nos territórios, assim como o conhecimento sobre a pluralidade de experiências dos povos do continente, suas cosmologias, filosofias e itinerários de pessoas, coletivos e mobilizações em torno da diversidade sexo-genérica. Busca-se também refletir sobre a reinterpretação e revitalização da categoria de gênero, articulada a noções como corpo-território, direitos e demarcação territorial. São bem-vindos trabalhos de distintas áreas que relacionem estruturas globais de opressão às vivências nos territórios, analisando a relação com o Estado e as possibilidades de reexistência diversa. As discussões poderão abordar impactos de conceitos de gênero e sexualidade do Norte Global sobre políticas e identidades no Sul Global, resistências às traduções hegemônicas e seus ensinamentos sobre agência política, riscos de discursos de emancipação sexual se tornarem novas formas de colonialismo e proposições para futuros queer e descoloniais.

ST20 - POVOS INDÍGENAS E A FORMAÇÃO DOS ESTADOS NACIONAIS NAS AMÉRICAS

Coordenação:

Francisco Cancela (UNEB)

João Paulo Peixoto Costa (IFPI)

No longo século XIX nas Américas, as profundas transformações político-ideológicas atingiram decisivamente a vida dos povos indígenas. Desde aqueles grupos com séculos de relações com a sociedade colonial até os que ainda conseguiam manter sua autonomia política e territorial, todos foram impactados de diferentes formas pelas ideias e práticas políticas da chamada “Era das Revoluções” que resultaram na crise do sistema colonial, nos processos de emancipação e na formação de novos

Estados Nacionais. Nesse período de transformações, o antigo modelo de sociedade corporativa típico do Antigo Regime assistiu a chegada fulminante do liberalismo, que trouxe consigo conceitos como o de cidadania, propriedade, Constituição e nação. No percurso tortuoso dos setores subalternizados durante a formação dos Estados Nacionais americanos, os variados povos indígenas se posicionaram de maneiras diversas diante daquela conjuntura, levando em conta suas próprias experiências históricas, processos de territorialização e identidades étnicas. Os caminhos trilhados pelos indígenas também foram múltiplos: atuaram individual e coletivamente, lutaram no campo militar e também jurídico-administrativo, construíram alianças e rupturas com os segmentos sociais dominantes. Tendo em conta esse universo de possibilidades, o presente simpósio temático busca promover um espaço de diálogo e análise da participação indígena na formação dos estados nacionais na América, reunindo estudos sobre diferentes processos históricos vividos pela população indígena nesse contexto e críticas historiográficas sobre o lugar dos indígenas na invenção das nações americanas, especialmente dos habitantes das vilas de índios na América portuguesa e das repúblicas de índios na América espanhola.

ST21 - PERSPECTIVAS INTERDISCIPLINARES NO ENFRENTAMENTO DOS PROCESSOS DE ETNOGENOCÍDIO DAS POPULAÇÕES INDÍGENAS EM CONFLITOS TERRITORIAIS

Coordenação:

Maria da Graça Silveira Gomes da Costa (UFSB)

Franciele Alves dos Santos (UFRN)

Iclícia Viana (UFSC)

Os povos indígenas no Brasil enfrentam a colonização que não acabou. São inúmeros processos de produção de morte física e simbólica, que agem por meio do próprio Estado e seus agentes, bem como por meio do poder da letalidade branca em suas diferentes formas de expressão. Este simpósio temático propõe refletir sobre os conflitos territoriais que atravessam povos indígenas na Abya Yala, marcados por invasões, expropriações e violências que configuram processos persistentes de etnogenocídio. Reconhecendo que o território é corpo e o corpo é território, entende-se que cada ataque à terra é também ataque às vidas, memórias, línguas e espiritualidades que nela habitam. Nesses contextos, as afirmações e retomadas identitárias-territoriais emergem como estratégias políticas, espirituais e coletivas de reexistência, articulando memória, cuidado e futuro. O simpósio busca reunir perspectivas interdisciplinares – provenientes das ciências humanas, sociais, ambientais, da saúde e das artes – em diálogo com as epistemologias indígenas, para compreender e fortalecer as práticas que resistem às lógicas coloniais e extrativistas. Pretende-se acolher pesquisas, relatos e experiências que discutam corpo-território, bem viver e saúde coletiva e comunitária, bem como a centralidade das territorialidades na preservação dos modos de vida e na recomposição das comunidades. Ao articular histórias, saberes e lutas, este espaço propõe-se a pensar coletivamente caminhos de cuidado e autonomia que rompam com a lógica etnogenocida que hierarquiza conhecimento e vidas e afirmem a dignidade e a continuidade dos povos originários.

ST22 - PRODUÇÃO DE MATERIAIS DIFERENCIADOS PARA AS ESCOLAS INDÍGENAS

Coordenação:

Marta Coelho Castro Troquez (UFGD)

Adir Casaro Nascimento (Universidade Católica Dom Bosco)

Beatriz dos Santos Landa (UEMS)

Os povos indígenas no Brasil foram submetidos a diferentes práticas coloniais, ao longo dos séculos, entre elas as de escolarização. Estas práticas foram voltadas à assimilação e/ou à integração linguística e cultural. Apesar do violento processo de proposital extermínio linguístico e cultural, inúmeros povos resistiram e preservaram suas línguas e modos próprios de existir. A Constituição Federal de 1988 assegurou aos indígenas o direito a uma educação escolar diferenciada com respeito a seus processos próprios de aprendizagem e com o uso de suas línguas e culturas. A partir de então, foram implantadas políticas públicas para a regularização e construção de escolas indígenas comunitárias, específicas, diferenciadas, interculturais e bilíngues/multilíngues; o que incluía/inclui a produção e utilização de materiais escolares diferenciados, construídos nas e/ou a partir das línguas e culturas dos povos a quem se destinam. Uma política importante foi a instituição, pelo MEC, em 2013, da Ação Saberes

Indígenas na Escola, que tem como um de seus objetivos: fomentar pesquisas que resultem na elaboração de materiais didáticos e paradidáticos em diversas linguagens, bilíngues e monolíngues, conforme a situação sociolinguística e de acordo com as especificidades da educação escolar indígena. Este simpósio pretende ser um espaço de discussão de estudos, pesquisas e relatos de experiências que articulem as temáticas da educação escolar indígena, das línguas, dos saberes e das culturas indígenas em interface com a produção de materiais diferenciados para as escolas indígenas.

ST23 - LÍNGUAS INDÍGENAS DO NORDESTE: RESISTÊNCIAS, RESSURGIMENTOS E SUAS MARCAS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Coordenação:

Rejane Cristine Carneiro Santana (UEFS)

Norma Lúcia Fernandes Almeida (UEFS)

O destaque de línguas indígenas do nordeste brasileiro norteou produções escritas dos séculos XVII e XVIII, resultando na publicação de obras pela imprensa ultramarina, como Arte de Grammatica da Língua Brazilica da Nação Kiriri (1699) e o Catecismo Kiriri (1698) do Pe. Luiz Vincencio Mamiani; Catecismo da Língua Kariri do Fr. Bernardo de Nantes (1706). Esse legado linguístico resistiu ao tempo e se manteve presente, mesmo em meio ao processo de colonização linguística, deixando-nos lexis e outros níveis estruturais de suas línguas com participação direta na formação do Português Brasileiro (PB). Dessa forma, na perspectiva da Linguística Histórica e da História Social da Língua e a partir de um viés interdisciplinar e com perspectivas epistemológicas que estão sendo anunciadas e também sendo exigidas, propomos, para este Simpósio, receber estudos sobre o protagonismo de línguas indígenas do Nordeste e suas marcas linguísticas na formação do PB, com reflexos até os dias atuais. Assim, faremos discussões sobre marcas lexicais, fenômenos morfossintáticos ou fonético-fonológicos utilizados em comunidades indígenas e não indígenas do Nordeste brasileiro; estudos sobre lexis que possam ser advindas de línguas faladas por povos autóctones do Nordeste do Brasil; experiências sobre o processo de retoma/revitalização de línguas indígenas do Nordeste. Nessas trocas de saberes, acrescentaremos dados novos para a pesquisa em línguas indígenas, para a historiografia indigenista dos povos indígenas do nordeste brasileiro, no intuito de manter o conhecimento sobre as línguas indígenas do Nordeste e sua participação na constituição do português brasileiro.

ST24 - MATERIAIS EDUCACIONAIS E EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA: PERSPECTIVAS HISTÓRICAS, LINGÜÍSTICAS E ANTROPOLÓGICAS

Coordenação:

Roseline Mezacasa (UNIR)

Carolina Coelho Aragon (UFPB)

Daniel Santana Neto (OPIP)

Este simpósio reúne pesquisadoras e pesquisadores das áreas de História Indígena, Linguística e Antropologia, em diálogo com a produção de materiais educacionais multimodais para comunidades indígenas, como livros, jogos, mídias e recursos digitais. Busca-se articular trabalhos que evidenciem horizontes teóricos, metodológicos e políticos, refletindo sobre os materiais didáticos como ferramentas de resistência e de afirmação cultural e territorial. As discussões pretendem responder a questões como: De que forma têm sido elaborados os materiais educacionais para escolas indígenas de diferentes territórios? Como as línguas, culturas e histórias indígenas são contempladas e fortalecidas nesses materiais? Qual o papel de jovens lideranças na concepção e no uso desses recursos? Como esses materiais materializam o que a comunidade considera valioso transmitir às novas gerações? Que caminhos e experiências podem orientar a produção de materiais educativos que dialoguem com projetos societários das comunidades? O Simpósio propõe sistematizar e socializar conhecimentos das últimas décadas que contribuam para uma Educação Escolar Indígena específica, diferenciada e bilíngue/multilíngue, bem como com estudos voltados à implementação da Lei n.º 11.645/2008. Nessa perspectiva, objetiva-se entrelaçar os saberes tradicionais do chão da comunidade e da escola indígena a partir das pesquisas, vivências e experiências de profissionais indígenas e não indígenas, nas áreas de História, Linguística e Antropologia, no caminho do fortalecimento dos saberes indígenas e da interculturalidade. Serão bem-vindas contribuições de diferentes regiões do Brasil e da América do Sul.

ST25 - SABERES INDÍGENAS & UNIVERSIDADE: CAMINHOS PARA UMA EDUCAÇÃO INTERCULTURAL À LUZ DAS LEIS 11.645/2008 E 12.711/2012

Coordenação:

Adriana Aparecida Belino Padilha de Biazi (UFSC)

Ana Cristina Martinez (UFSC)

Cledison Antonio de Souza e Silva (UFSC)

Este simpósio temático propõe um espaço de diálogo, reflexão e troca de experiências sobre os desafios e possibilidades da presença indígena no Ensino Superior, à luz das Leis 11.645/2008 e 12.711/2012, a primeira torna obrigatório o Ensino da História e Cultura Indígena nas escolas, e a segunda garante reserva de vagas, as 'cotas', em Universidades e Institutos Federais para estudantes oriundos integralmente do Ensino Médio Público, incluindo critérios raciais e de renda. A proposta visa reunir estudantes, docentes, pesquisadoras(es) e lideranças indígenas para debater como os saberes tradicionais dos povos originários vêm sendo reconhecidos, acolhidos e valorizados no ambiente universitário. Serão abordadas experiências de estudantes indígenas no Ensino Superior, iniciativas de políticas afirmativas, produções acadêmicas que emergem das epistemologias indígenas, práticas pedagógicas interculturais, bem como os impactos e limites das Leis 11.645/2008 e 12.711/2012 no contexto de Ensino Superior. O simpósio pretende, ainda, fomentar discussões sobre a decolonização do saber, o papel das universidades na promoção da diversidade epistêmica e o fortalecimento das identidades indígenas nos espaços acadêmicos e não acadêmicos.

ST26 - CONSTRUCCIÓN DE AGENCIAS INDIGENAS DESDE LA FORMACIÓN DE LAS FRONTERAS COLONIALES HASTA LA CONSOLIDACIÓN DE LOS TERRITRIOS NACIONALES

Coordenação:

Eugenia Nespolo (Universidad Nacional de Luján)

Yesica Garcia (Universidad Nacional de Luján)

Andres Aguirre (Universidad Nacional de Luján)

Durante las últimas tres décadas, o más, la historiografía refiere a la frontera indistintamente – según la perspectiva de diversos investigadores – como un espacio integral, como una construcción regional, socioeconómica y cultural, como una relación entre política y territorio, como una interrelación dinámica entre sociedades distintas, como una noción de dominio y control, como un micro-espacio desde donde mirar e interrogar a su alrededor, como construcción de un estado, como procesos de mestizaje, como instancias de etnogénesis identitaria, entre otras. Desde la colonización, las fronteras fueron espacios en los que se desplegaron agencias indígenas, individuales y colectivas, exhibiendo la capacidad de acción de sujetos agentes frente a diferentes contextos de dominación y sujeción. Se entiende que la producción de esas agencias, estuvo atravesada por los complejos procesos de independencia y posteriormente por la consolidación de los territorios nacionales del espacio americano, por lo tanto, se advierte que es posible distinguir dinámicas relacionales y de contacto que marcaron de manera notoria a los líderes y liderazgos indígenas en diversos momentos de la historia. En esta línea, el simposio invita a presentar trabajos abocados a investigaciones que visibilicen las acciones de los indígenas en diversas coyunturas atravesadas desde el período colonial hasta la formación de los estados nacionales y que permiten reconocer las agencias en momentos de tensión, negociación y reclamos entre otros.

ST27 - ARTES, LITERATURAS E TERRITORIALIDADES: PERSPECTIVAS HISTÓRICAS DOS POVOS INDÍGENAS EM ABYA YALA

Coordenação:

Cláudia Pereira Vasconcelos (UNEB/UEFS)

Jamille da Silva Lima-Payayá (UNICAMP)

Luciano Santos Xavier (UEFS/UFBA)

Este simpósio pretende discutir possibilidades de ampliação da noção de História da Abya Yala, trazendo para o centro do debate diferentes maneiras de narrar as memórias dos povos indígenas que,

por meio das diversas artes, da literatura, da poética, da oralidade, dos ritos e demais manifestações culturais têm reescrito com autoria e autonomia suas histórias. Compreendemos que as diferentes formas de narrar os mundos e as histórias indígenas vêm ganhando força e visibilidade em espaços antes ocupados por discursos hegemônicos excludentes. Essas narrativas expressas por diferentes linguagens e manifestações são lidas neste simpósio como rupturas contracoloniais que tensionam currículos e instituições oficiais, rompendo silenciamentos e apagamentos históricos, inseminando uma ampla compreensão em torno dos processos de autoria indígena em seus modos variados de expressão das suas ciências. Deste modo, serão bem-vindas pesquisas, práticas educativas e trabalhos que reflitam sobre aspectos artísticos, poéticos, cosmológicos indígenas, entendendo como essas produções constroem narrativas múltiplas sobre o Brasil e sobre toda a Abya Yala, as quais se apresentam de modo latente na formação do imaginário sobre estes territórios ancestrais.

ST28 - CORPOS D'ÁGUA COMO ELEMENTOS PRIMORDIAIS DA VIDA. OS IMPACTOS SOBRE O MEIO AMBIENTE E OS POVOS INDÍGENAS NA ABYAYALA NA LONGA DURAÇÃO

Coordenação:

Ana Catarina Garcia (CHAM - Centro de Humanidades. NOVA FCSH, Lisboa-PT)

José Otávio Aguiar (UFCEG)

Juciene Ricarte Apolinário (UFCEG)

Ao longo do tempo, diferentes povos indígenas da Abya Yala foram desenvolvendo sistemas de manejo da terra, técnicas agrícolas, uso dos cursos de água e práticas de uso dos recursos naturais onde se incluem os recursos marinhos. Nessa interferência humana com o mundo natural, o equilíbrio com a natureza e conservação da biodiversidade estão presentes tanto nas suas cosmovisões como nas suas práticas e formas de vida ecologicamente sustentáveis. A relação dos povos indígenas com a natureza é baseada em uma visão holística e espiritual, em que a natureza é vista como um ser vivo e parte integrante de sua identidade cultural e meios de subsistência. Contudo, ao longo da história, os povos originários a Abya Yala têm enfrentado ações que tendem a desregular este equilíbrio como seja a expropriação de suas terras, desmatamento, mineração e outras atividades predatórias que resultaram na perda de seus territórios e diferentes impactos ambientais, como poluição dos rios, zonas costeiras ou mangues. Desde o século XVI que a expansão de atividades extrativas, que visam dar suporte a uma economia global, tem impactado estas sociedades bem como os ambientes em que se inserem, impedindo o Bem Viver indígena. Estes impactos ambientais são sentidos em alguns casos até aos dias de hoje seja em ambientes terrestre, fluvial, lagunar ou costeiro. Consideramos, pois, necessário e urgente discutir processos passados e presentes com vista ao reconhecimento e respeito à diversidade cultural e aos conhecimentos tradicionais dos povos indígenas, essenciais para a construção de um futuro mais justo e sustentável. O presente Simpósio Temático objetiva acolher comunicações orais e em posters que desenvolvam pesquisas que reflitam sobre as questões indígenas entre os séculos XVI aos dias atuais, no âmbito da história indígena, arqueologia e a história ambiental que reflitam problemáticas da alteração/degradação ambiental. Acolheremos pesquisas concluídas ou em processo de execução a partir de diferentes campos científicos como exemplo: História, Arqueologia, Educação, Antropologia ou Ecologia.

ST29 - METODOLOGIAS DE PESQUISA E SISTEMATIZAÇÃO DAS CIÊNCIAS INDÍGENAS NAS UNIVERSIDADES: DISCURSO, EDUCAÇÃO, INTERCULTURALIDADE E TRANSDISCIPLINARIDADE

Coordenação:

Luanna Cardoso Oliveira (UFOPA)

Marília Fernanda Pereira Leite (UFOPA)

Euricléia do Rosário Galúcio (UFOPA)

Os processos interculturais exigem uma postura solidária e colaborativa entre pessoas e grupos, o desafio da interculturalidade no desenvolvimento de políticas públicas em instituições de ensino superior reside no conservadorismo que ainda as constitui. O diálogo intercultural crítico com os povos indígenas pode ensinar o sistema mundo moderno-colonial uma vivência planetária do cuidado. A ciência avança na medida em que a sociedade muda. A interculturalidade crítica ao revelar as

diferenças, visa desenvolver sociedades democráticas. A complexidade das questões sociais do Estado brasileiro na atualidade nos sugere que é importante ouvir e aprender com os povos indígenas. A história nos ensina que os povos indígenas sempre estiveram dispostos a compartilhar seus saberes, no entanto, é necessário desconstruir a ideia de universidade monolíngue e de ciência única, para que possamos ouvir as ciências que as línguas e culturas dos povos indígenas sistematizam. Esperam-se, desse simpósio temático, trocas de experiências teóricas e metodológicas que versam os modos como as ciências indígenas se fazem presente, dialogam e desafiam o espaço acadêmico.

ST30 - ABORDAGENS DA HISTÓRIA INDÍGENA, SAÚDE, CIÊNCIAS E BEM VIVER: INTERMEDICALIDADE E ETNOMEDICINA (SÉCULOS XVI-XXI)

Coordenação:

Pedro Eduardo Pereira - Ka'aguasu Potiguara (UFPB)

Juciene Ricarte Cardoso Tarairiu (UFCEG)

Kaori Kodama (Fiocruz)

A partir de uma perspectiva crítica, decolonial, intercultural e interdisciplinar, a história indígena no tocante aos temas saúde, doenças e bem viver vem sendo enriquecida com pesquisas em diferentes áreas do conhecimento, especialmente na História e Antropologia. O mais significativo é que, nos últimos anos, têm-se desenvolvido pesquisas realizadas pelos próprios indígenas e/ou por eles enquanto colaboradores, proporcionando mudanças assertivas no campo científico, tais como a transformação dos debates historiográficos e antropológicos, novas compreensões e análises das diferentes fontes documentais em perspectivas etnográficas e da etnohistória. Emergem, também, nas pesquisas e publicações, as diversas histórias indígenas que protagonizam os diálogos interculturais, na busca pelo bem viver (saúde do corpo e da alma) na estreita relação com a natureza, especialmente construindo etnociência do uso das plantas, banhas, defumadores e práticas espirituais nos processos de curas e nas travessias de fronteiras interétnicas nas quais se estabeleceram interlocuções com os não-indígenas a partir do século XVI. As políticas públicas do Estado ora valorizaram seus conhecimentos, ora os desprestigiaram e desrespeitaram, reproduzindo a colonialidade da Ciência Moderna. Não obstante, observamos o surgimento de outros caminhos de diálogos que ampliam possibilidades nos processos de interculturalidade e decolonialidade, em que se destacam a intermedicalidade e a etnomedicina, zonas de contato entre a biomedicina da ciência moderna e o conhecimento ancestral/milenar indígena. A partir de releituras e da valorização de novos conjuntos documentais – que abarcam desde manuscritos (cursivos, iconográficos, cartográficos, impressos), passando por registros políticos-administrativos, legislação e debate público, até a contribuição teórico-metodológica da história oral (testemunhos e memórias) – tem sido possível identificar uma multiplicidade das dinâmicas sociais, políticas e culturais desempenhadas por populações indígenas ao longo do tempo e em diferentes temporalidades. Diante do exposto, nosso Simpósio Temático tem por objetivo focalizar o debate sobre as variadas fontes e aportes teórico-metodológicos que busquem tematizar o conceito de bem-viver em diálogo com a história da saúde e dos saberes indígenas, desde o início da colonização até o presente. Esperamos receber comunicações orais e pôsteres que valorizem o protagonismo indígena na história, sobretudo no contexto do pós-contato, a partir do século XVI, bem como narrativas documentais que destaquem trocas, conflitos e agenciamentos entre pajés e/ou lideranças indígenas no passado e no presente com não indígenas, a saber: religiosos, militares, médicos, botânicos, biólogos entre outros que deixaram descrições e/ou pesquisas de diferentes historicidades diacrônicas e sincrônicas, tais como entrevistas com lideranças indígenas. Edmilson de Jesus Ferreira.

ST31 - UNIVERSIDADE É TERRITÓRIO INDÍGENA? CIÊNCIAS INDÍGENAS COMO AFIRMAÇÃO DO CORPO-TERRITÓRIO-MEMÓRIA

Coordenação:

Danielle Gonzaga de Brito (UFAM)

Alva Lana Rosa Vieira (SEDUC/UFAM)

Martinha Mendonça (UFF)

Nossos corpos estão presentes nas universidades desde sempre, mas compreendemos que as políticas afirmativas, resultados de luta e resistência do movimento indígena organizado, possibilitaram uma maior quantidade de povos indígenas nas universidades. No entanto, embora nossos corpos tenham conseguido entrar, nossos saberes continuaram do lado de fora. Como consequência, a universidade continuamente tenta, uma vez que ela é um grande dispositivo de exercício de poder, preencher nossas memórias de grandes vazios. Embora a luta seja grande, nossos corpos-territórios-memórias resistem e, a partir do fortalecimento dos movimentos, organizações e associações de estudantes e professores indígenas, passamos a resistir enquanto produção de nossos saberes dentro do espaço acadêmico. Dessa maneira, reivindicamos que as universidades se tornem território indígena. Nesse sentido, a proposta de Simpósio Temático se apresenta como um espaço de territorialização de saberes de povos indígenas entendendo que as ciências indígenas são redes de trocas para o equilíbrio do plano terrestre e que as universidades, embora, ainda não sejam territórios indígenas, passam por um processo de retomada, em outras palavras, por processo de amansamento de sua perspectiva sobre a produção dos saberes dos povos indígenas, pois estudantes e professores indígenas estão realizando refazimentos de suas próprias Histórias. A proposta desse ST é um convite para todas e todos estudantes e professores indígenas presentes nas diferentes universidades de Abya Yala que trazem os saberes de seus povos para a pesquisa acadêmica que desenvolvem no campo das ciências humanas e sociais para juntos tecermos uma grande rede de trocas entre as diferentes ciências indígenas desenvolvidas por estudantes indígenas de Abya Yala.

ST32 - POVOS INDÍGENAS E MISSÕES RELIGIOSAS NA ABYA YALA (SÉCULOS XVI-XIX)

Coordenação:

Guillaume Candela (Cardiff University/United Kingdom)

Carlos Daniel Paz (FCH-UNCPBA, Argentina)

A América Indígena, também conhecida como Abya Yala é, e sempre foi, o lar, o local de moradia e existência de variados povos indígenas que, em diferentes momentos históricos, estabeleceram diversas relações com agentes do clero secular e missionários. Estes últimos reduziram as populações indígenas, na maioria dos casos em locais diferentes daqueles onde originalmente habitavam, com o objetivo manifesto de afastá-las de expressões rituais como danças, cantos e a ingestão de algumas bebidas de concentração alcoólica diversa, consumidas em contextos cerimoniais que davam sentido à comunidade; a imposição do batismo dos recém-nascidos e adultos reduzidos; a introdução da cultura letrada; a transformação da estrutura familiar e a formação de cacicados, às vezes hereditários e, claro, novas formas de relacionamento com o território e a Natureza. A história dos povos indígenas e sua relação com as diferentes ordens religiosas foi, em parte, esvaziada pela forte representatividade que a historiografia concedeu à Companhia de Jesus. A sobre-representação da presença jesuítica no Abya Yala, por vezes, nos faz esquecer como os franciscanos, por exemplo, administraram povos indígenas muito antes da chegada dos inicianos. Mesmo após a expulsão da Companhia (em 1759 das possessões portuguesas e em 1767 dos territórios sob administração espanhola), a relação das populações indígenas com as suas aldeias continuou, assim como as encomiendas e as missões de outras ordens; lugares onde as autoridades indígenas continuaram exercendo um poder compartilhado com os agentes coloniais. Dessa forma, é possível observar a partir do registro documental, como no caso dos guaranis, que os indígenas que tiveram uma relação com os jesuítas, reformularam algumas práticas sociais e rituais que permitem pesquisar a memória nativa e a relação destes com diferentes missionários ao longo do tempo. Por tudo isso, convidamos vocês para apresentar e debater pesquisas originais desenvolvidas por intelectuais indígenas e acadêmicos não indígenas, bem como comunicações apresentadas por membros de comunidades nativas que possibilitem construir uma reflexão conjunta sobre as seguintes questões, bem como outras que não tenham sido contempladas nesta proposta.

Temas e problemáticas sugeridos pelo Simpósio:

- 1) Descolonizar as descrições dos missionários sobre os nativos reduzidos, os agregados e os sujeitos escravizados;
- 2) Fazer História Indígena considerando as Humanidades Digitais e a História Pública;
- 3) Refletir sobre as resistências indígenas às regras impostas pela evangelização e pelos missionários (guerreiros versus mártires, políticas de resistência através do uso de nomes indígenas; uso da tradição escrita; xamãs versus missionários);

- 4) As missões religiosas como espaços de produção e acumulação de riquezas por meio de trabalhos forçados e escravidão;
- 5) Espaços para a construção da amefricanidade (Quilombola, Cimarronaje);
- 6) Repensar a agência das crianças indígenas;
- 7) Refletir sobre a imposição e os diálogos de conhecimentos da Natureza e da prática medicinal entre missionários e indígenas.

ST33 - POVOS INDÍGENAS, SOCIODIVERSIDADES E DEBATES EDUCACIONAIS

Coordenação:

Adauto Santos da Rocha (UNEB)

Nas últimas décadas, os protagonismos das populações indígenas, dentro e fora dos ambientes universitários, contribuíram sintomaticamente para uma nova escrita da história nacional, considerando múltiplas formas de expressões culturais, linguísticas e sociais dos povos originários. Desde a segunda metade do século XX, marcos legislativos construídos com forte atuação indígena são utilizados para fortalecer as mobilizações em busca de reconhecimento étnico, fortalecimento identitário e autonomia. Da Constituição Federal de 1988 a atualidade, novos capítulos sociais têm sido escritos com os povos, na defesa de uma educação escolar mais justa, territorializada, equitativa e pluralizada. Recentemente, a Universidade do Estado da Bahia (UNEB), implantou o Campus Intercultural Opará em Jeremoabo, fortalecendo a formação superior de povos indígenas daquela região através de propostas curriculares específicas. Desse modo, com este ST, buscaremos fomentar discussões que abordem as sociodiversidades indígenas em ambientes escolares e universitários, o ensino da temática indígena na Educação Básica, bem como, estudos sobre formas de mobilizações e atuações indígenas em busca de direitos específicos. Para tanto, pretendemos reunir estudantes, pesquisadores e professores (indígenas e não-indígenas, inclusive do Campus Intercultural Opará) que desejem apresentar suas pesquisas e fortalecer as discussões sobre os papéis históricos desempenhados por povos indígenas para a construção de uma sociedade mais pluralizada, tomando como ponto de partida o ensino da temática indígena em distintos ambientes e níveis educacionais, assegurado legalmente pela Lei 11.645/2008.

ST34 - DESLOCAMENTOS, TERRITORIALIZAÇÕES E ESPACIALIDADES HUMANAS DOS POVOS INDÍGENAS NAS AMÉRICAS (XVI-XX)

Coordenação:

Reinaldo Forte Carvalho (UPE)

A proposta desse Simpósio Temático pretende promover debates e discussões entre pesquisas e estudos produzidos sobre os deslocamentos, territorializações e espacialidades na história dos povos indígenas nas Américas a partir das várias perspectivas e abordagens teórico/metodológicas e de problemáticas que vem ao longo dos últimos anos se constituindo em um campo científico fértil no conhecimento histórico frente aos desafios contemporâneos. Essas perspectivas e abordagens são precursoras na produção de uma Nova Historiografia sobre os povos indígenas a partir da década de 1980, colocando os mesmos como sujeitos históricos e participantes ativos do processo da colonização nas sociedades de Antigo Regime. Essa concepção enfatiza que os povos indígenas ocuparam lugar de proeminência nesse processo através da resistência e luta frente à colonização europeia, deixando de serem apenas participantes coadjuvantes, ou meros observadores esquecidos da História. Esta historiografia está focada nos indígenas como sujeitos históricos que fez emergir experiências e estratégias sociais que até então não haviam sido observadas no conjunto dos registros históricos. Portanto, o debate e discussão sobre os inúmeros estudos e pesquisas sobre os povos indígenas com base na proposta deste Simpósio Temático é de suma importância para a produção de novas produções nas investigações histórica sobre a História Indígena nas Américas, comprometida metodologicamente com o revisar das fontes e com o foco no lugar social dos povos indígenas na História.

ST35 - LITERATURAS INDÍGENAS: (RE/INS)ESCREVENDO ABYA YALA

Coordenação:

Fernanda Vieira de Sant'Anna (UEMG)

Ananda Machado (UFRR)

Jeane Almeida da Silva (UFRR)

As literaturas indígenas semeiam, com vozes ancestrais, (re/ins)escritas milenares de mundos plurais possíveis. Na palavra falada ou na palavra escrita, línguas originárias ou línguas ressignificadas dos invasores, tecidas no papel, na cestaria, no grafismo, com urucum, jenipapo ou tintas manufaturadas, as literaturas indígenas percorrem o tempo e, como flecha, perfuram as camadas resistentes do pensamento colonial, que ainda se esparrama sob a forma da colonialidade. As literaturas indígenas redesenham o continente em uma cartografia de retomada, rasurando fronteiras inventadas e (re)inscrevendo no território sistemas de conhecimento de vanguarda ancestral. Como meio de auto expressão e de registro de memória, as literaturas dos povos originários reposicionam identidades estrangeirizadas em seus próprios territórios, gerando diálogos continentais, registrando auto histórias e preenchendo a ruptura histórica criada com a colonização. Em diálogos intercontinentais, os territórios vivos falam pelas tramas, tintas, vozes, cores e pelas formas das literaturas indígenas em uma trama de construção de futuros ancestrais possíveis. As literaturas dos povos originários de Abya Yala (continente americano) compartilham e celebram semelhanças em suas diferenças que nos unem sob Pachamama. Com aporte teórico inspirado por Graça Graúna (2013), Márcia Wayna Kambeba (2020) e Linda Tuhiwai Smith (1999), este simpósio temático acolhe trabalhos que dialoguem sobre literaturas indígenas; literaturas indígenas de mulheres; literaturas indígenas e línguas originárias; literaturas indígenas e práticas multimodais; literaturas indígenas e artes visuais; literaturas indígenas, o sonho e as epistemologias encantadas; literaturas indígenas e futurismos indígenas; literaturas indígenas e antropoceno; literaturas indígenas e emergências climáticas; literaturas indígenas e educação; literaturas indígenas e a Lei nº 11.645/2008.

ST36 - CONTRIBUIÇÕES DA HISTÓRIA INDÍGENA PARA ECONOMIA, POLÍTICA E ADMINISTRAÇÃO (SÉCULOS XVI A XIX)

Coordenação:

Érica Lôpo de Araújo (UFPE)

Naira Maria Mota Bezerra (UFF)

O presente simpósio propõe reunir trabalhos que investiguem a atuação indígena no cotidiano invisível do mundo colonial entre os séculos XVI e XIX. Interessa refletir e demonstrar como as populações originárias atuaram ou influenciaram os campos da política, administração e economia durante a época moderna, seja por meio de sua participação direta, ou pelo modo que suas territorialidades, formas de vida e organização impactaram essas esferas. Convidamos, igualmente, pesquisadores que, ainda que não especialistas em história indígena, identifiquem a presença e agência desses povos em seus objetos de estudo. Os avanços interpretativos das últimas décadas, trazidos pela Nova História Indígena, têm conseguido superar paradigmas históricos hegemônicos, contribuindo para uma visão ativa dos povos originários frente à sociedade moderna e colonial. Por outro lado, trabalhos especializados nesses temas tradicionais, ainda que identifiquem a atuação dos povos originários, tendem a tratá-la como tema restrito às discussões de um campo específico do saber. Nosso simpósio tem por objetivo aproximar as abordagens, contribuindo para reduzir a lacuna entre temas intrínsecos da história indígena e temas recorrentes da historiografia da época moderna/colonial. Serão bem-vindos trabalhos que tratem de diversas áreas de pesquisa, como a história urbana, política, administrativa, econômica, diplomática, ambiental, da escravidão e da liberdade — que explorem a atuação, resistência e agência indígena nos espaços de colonização ibérica nas Américas, bem como em contextos europeus, entre os séculos XVI e XIX. Estudos que realizem comparações e conexões entre dois ou mais espaços globais serão igualmente bem-vindos.

ST37 - CARTOGRAFIAS DA MEMÓRIA: CULTURAS, MOVIMENTOS E HISTÓRIAS DOS POVOS INDÍGENAS NA AMAZÔNIA

Coordenação:

Jessyka Samya Ladislau Pereira Costa (UFAM)

Davi Avelino Leal (UFAM)

A área da história indígena passou por significativas transformações, tanto em termos metodológicos quanto de perspectiva analítica, ampliando seus objetos, temas e abordagens. Essas mudanças refletem, em grande parte, o protagonismo dos povos indígenas na contemporaneidade, cujas articulações políticas e movimentos sociais têm instigado a academia a repensar e criticar seus próprios pressupostos teóricos. Em diálogo com esses debates, este simpósio tem como objetivo reunir pesquisas que abordem as múltiplas experiências históricas, culturais e territoriais dos povos indígenas na Amazônia, a partir de uma perspectiva que valorize suas memórias e formas próprias de produzir conhecimento sobre o mundo. Ao propor uma cartografia da memória, buscamos refletir sobre como essas populações construíram e reconstruíram seus territórios, políticas e sobrevivências em meio as dinâmicas coloniais e pós-coloniais e as formas como seus saberes, narrativas e deslocamentos forçados foram registrados, silenciados ou reconfigurados nesse processo. O simpósio valoriza abordagens interdisciplinares dos campos da história, antropologia, arqueologia, linguística, educação indígena e outras áreas do conhecimento e metodologias que deem centralidade às vozes indígenas, incluindo fontes orais, visuais, documentais e arqueológicas. Portanto, enseja-se pesquisas que versem sobre diferentes contextos e temas como culturas, movimentos, mundos do trabalho e memória coletiva, contribuindo para a ampliação e o aprofundamento do campo da história indígena e do indigenismo na Amazônia.

ST38 - REDE DE SABERES, DIREITOS HUMANOS E MEMÓRIAS INDÍGENAS: O USO DE TECNOLOGIAS DIGITAIS, MATERIAIS PEDAGÓGICOS E METODOLOGIAS FREIREANAS

Coordenação:

Thelma Lima da Cunha Ramos (IFBA)

Edson Machado de Brito (IFBA)

Marcelo Aranda Stortti (CEFET-RJ)

O Simpósio Temático Rede de Saberes, Direitos Humanos e Memórias Indígenas, através do uso de tecnologias digitais, materiais pedagógicos e metodologias freireanas, propõe discutir a valorização e o reconhecimento da diversidade de epistemologias ancestrais dos povos indígenas, objetivando ampliar os olhares sobre a garantia do uso de recursos tecnológicos para afirmação dos direitos humanos e identidades indígenas. Tem como objetivo refletir sobre as possibilidades de produção de materiais pedagógicos que dialoguem com a transmissão oral de conhecimentos e memórias ancestrais a partir da mediação tecnológica para repensar os processos metodológicos educativos na perspectiva freireana, a fim de contribuir para a desconstrução de visões estereotipadas e etnocêntrica com relação à história e cultura dos povos indígenas na educação. Considerando o diálogo com pesquisas que reflitam uma concepção de educação em que aquele que ensina também aprende numa relação de reciprocidade na produção do conhecimento entre educador versus educando num processo coletivo de aprendizagem.

ST39 - MOVIMENTO E PROTAGONISMO INDÍGENA NA BAHIA – BRASIL: REEXISTÊNCIAS, RESILIÊNCIAS E AFIRMAÇÕES

Coordenação:

Paulo Alfredo Martins Rocha (UNEB)

Wbaneide Martins Andadre (UNEB)

Leonardo Lins Diego (UNEB)

Esse simpósio temático propõe reunir investigações e reflexões que abordem as múltiplas formas de protagonismo indígena na Bahia, evidenciando as estratégias de reexistência, resiliência e afirmação identitária, territorial, política e epistêmica dos povos indígenas. O objetivo é fomentar diálogos circulares entre pesquisadores(as), lideranças indígenas, educadores(as), ativistas ambientais, indigenistas e estudantes que se interessam pela temática indígena, com foco nas lutas e conquistas dos povos originários no contexto baiano e brasileiro. Serão acolhidos trabalhos que explorem experiências de ecologia humana e educação intercultural, educação escolar indígena, licenciaturas interculturais, movimentos sociais, projetos societários, produção de saberes próprios, participação em

governança e políticas públicas, processos de retomada, autodeterminação e fortalecimento cultural. A proposta se ancora em referenciais teóricos como as epistemologias do sul, cosmovisão indígena, a interculturalidade crítica, e estudos sobre identidades e diversidade na educação, buscando visibilizar as potências de resistência frente às heranças coloniais e às estruturas de exclusão. O simpósio se inscreve no contexto do Congresso Internacional Mundos Indígenas, propondo ênfases regionalizadas para a realidade dos povos originários da Bahia, se configurando como espaço de escuta, partilha, visibilidade, proposições e reconhecimento da diversidade das experiências indígenas regionais, contribuindo para a ampliação do debate sobre garantia de direitos, justiça epistêmica, autodeterminação e decolonialidade no Brasil.

ST40 - DOCUMENTAÇÃO LINGÜÍSTICA NO CONTEXTO DE LÍNGUAS AMEAÇADAS: DESAFIOS E PERSPECTIVAS DO PROCESSO DE REVITALIZAÇÃO

Coordenação:

Raniery Oliveira da Silva e Silva (UFPA)

Anna Carolina Gonçalves Dias (UFPA)

A documentação linguística tem emergido no cenário atual como uma das formas de contribuir para a preservação de línguas minoritárias em risco de extinção diante da urgência de essas línguas estarem em contexto de alta influência de línguas politicamente dominantes. De acordo com o IPHAN (2020), considerando dados do Atlas of the World's Languages in Danger (Unesco, 2010), “estima-se que entre um terço e metade das línguas ainda faladas no mundo estarão extintas até o ano de 2050”. Mori (2020), baseando-se no Atlas das Línguas em Perigo (Unesco, 2017), afirma que “o Brasil é o segundo país com mais línguas em situação crítica, ficando atrás somente dos Estados Unidos”. Diante desse panorama, agência de fomento e demais órgãos, como Unesco e o Museu Nacional dos Povos Indígenas, têm buscado desenvolver iniciativas com pesquisadores em prol do avanço à documentação linguística, visto que muitas línguas indígenas no Brasil contam com menos de 1.000 falantes (Storto, 2019); um número bastante preocupante levando-se em conta o número ideal para que uma língua não seja considerada ameaçada é de 100.000 (Unesco, 2003). Em virtude da necessidade de intervenção qualificada no processo de perda linguística, o presente simpósio temático pretende contribuir com o fomento ao debate qualitativo sobre a importância de se documentar as línguas ameaçadas. Busca-se evidenciar pesquisadores indígenas e não indígenas juntamente com suas experiências em projetos vigentes ou findados para conhecimento da comunidade em geral dos trabalhos em documentação, bem como o estímulo aos que pretendem atuar na referida área de pesquisa.

ST41 - ENSINO DE HISTÓRIA INDÍGENA: PRÁTICAS, EXPERIÊNCIAS E DESAFIOS DOCENTES

Coordenação:

Cristina de Cássia Pereira (UFG)

Edna Maria Matos Antonio (UFS)

Thiago Cancelier Dias (SEDUC – Goiás)

A Lei Federal nº 10.639/2003 alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) nº 9394/1996, e incluiu no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”. Em 2003, foi dada nova redação de alteração da mesma pela Lei Federal nº 11.645/2008, que expandiu para a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena” e determina que os conteúdos referentes a história e a cultura afro-brasileira e indígena deverão ser ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial, nas áreas de Educação Artística, Literatura e História Brasileira. Aplicada a realidade escolar, a lei trouxe implicações importantes para a construção e aplicação do currículo educacional, principalmente por revelar questões graves na formação e atualização docente para o tratamento desses conteúdos. Para além disso, a Resolução N°5/12 e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) no campo da Educação Escolar Indígena (EEI) no Brasil; analisa as complexas e conflitantes relações entre a BNCC, - promulgada em 2017/2018 – não favorece o reconhecimento das especificidades locais e, por consequência, desconsidera os avanços da Resolução N°5/12, que defende uma educação intercultural baseada nas lutas, visões de mundo e demandas indígenas. Assim, o objetivo do Simpósio

Temático (ST) é proporcionar uma oportunidade para debates críticos e construtivos sobre experiências em espaços educativos acerca da aprendizagem de conteúdos de história indígena e que tenham como foco ações didáticas-pedagógicas marcadas pela promoção ao respeito à diversidade cultural e valorização dos povos originários como sujeitos dos processos históricos.

ST42 - PEDAGOGIAS E CIÊNCIAS INDÍGENAS: REPENSANDO EDUCAÇÃO E EPISTEMOLOGIAS

Coordenação:

Marilda da Conceição Martins (UFMA)

Mauro Torres Siqueira (UFNT)

Vitor Fabrício Machado Souza (UFPR)

Este Simpósio Temático propõe um espaço de escuta, diálogo e reflexão sobre as pedagogias e as ciências indígenas como formas legítimas de produção de conhecimento, rompendo com o epistemicídio promovido por modelos hegemônicos de educação. Nos mundos indígenas, tem-se reivindicado cada vez mais o reconhecimento dos seus sistemas de conhecimento com a palavra ciência. Trata-se de uma estratégia de luta e engajamento frente ao racismo epistêmico que nega o estatuto de ciência a saberes distintos daqueles legitimados pela modernidade ocidental. Para os povos indígenas de Abya Ayala à Pindorama, tanto a educação quanto a ciência são faces de um mesmo processo que opera investigações, voltadas à manutenção do modo de vida e da própria sobrevivência. É nesta perspectiva que tanto na Educação Indígena quanto na Educação Escolar Indígena, o papel das pessoas mais velhas e a relação com as crianças são dois vetores que conectam passado e futuro na costura de teias de aprendizado com os mitos, as ciências dos não humanos, a rede cosmopolítica e os espíritos - expedientes epistemológicos reconhecidos das ciências indígenas. Os povos indígenas têm produzido ciência em múltiplos contextos: nas aldeias, nas universidades não-indígenas em contexto intercultural; em universidades autônomas indígenas com professoras(es) e metodologias de pesquisas indígenas; nos territórios autônomos nos quais as ciências indígenas e não-indígenas são mobilizadas em torno da luta e dos princípios destes territórios, entre outros espaços. Neste Simpósio Temático, debateremos estas nuances, reunindo experiências pedagógico-científicas que reconhecem e valorizam os sistemas de saberes dos povos indígenas, suas cosmologias, línguas, modos de aprender e ensinar, contribuindo para a construção de uma educação plural, antirracista e intercultural.

ST43 - A IMPORTÂNCIA DA MULHER INDÍGENA NO PROCESSO DE RESISTÊNCIA DOS POVOS ORIGINÁRIOS

Coordenação:

Glória Di Fanti (PUCRS)

Cristhiane Ferreque (UNEB)

Adriana Barbosa Pesca (UFSB)

A luta dos povos originários para serem respeitados em sua cultura, direitos e necessidades básicas não é recente. Como afirma Schwarcz (2019, p. 213), a intolerância no Brasil, encontra raízes no passado (de longo, médio e curto prazo), como na exploração do indígena, do negro e do trabalhador, reforçando a divisão de classes numa "lógica de ódios e afetos que contamina" as relações sociais cotidianas. A intolerância contra os povos indígenas tem se intensificado nos últimos tempos no Brasil, especialmente a partir de 2019, o que tem provocado uma série de movimentos reivindicatórios dos povos originários. Nessas manifestações, as mulheres têm ocupado um papel fundamental na linha de frente de muitos embates, o que suscitou a proposição deste Simpósio Temático, o qual se abre para acolher pesquisas de diferentes áreas que tenham como foco a importância da mulher indígena no processo de resistência dos povos originários. São bem-vindas investigações que, a partir de referenciais teórico-metodológicos consistentes, contemplem o protagonismo da mulher indígena em variadas temporalidades, espaços e ressignificações da luta histórica dos povos originários. Com este encontro interdisciplinar, espera-se iluminar os saberes e experiências indígenas, refletindo, por um lado, sobre os embates complexos vividos pelas mulheres indígenas e, por outro, sobre as formas de enfrentamento dessas lutas de resistência na contemporaneidade.

ST44 - EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA, FORMAÇÃO DE PROFESSORES(AS) E REVITALIZAÇÃO LINGUÍSTICA

Coordenação:

Paulo de Tássio Borges da Silva (UFF)

Adria Simone Duarte de Souza (UEA)

Célia Aparecida Bettiol (UEA)

O Brasil tem uma vasta produção curricular para a educação de indígenas, passando pelas experiências educacionais com os Jesuítas no Brasil Colônia e Império, pelos processos educativos dos Diretórios dos Índios no período Pombalino, até a educação para a civilidade nacional na Primeira República, culminando com as políticas para a educação escolar indígena a partir da Constituição Federal de 1988 e a LDB 9.394/1996, que trouxe a oferta da Educação Escolar Indígena bilíngue/multilíngue intercultural e diferenciada aos povos indígenas. O que possibilitou a construção de políticas públicas para a formação de professores(as); bem como outros projetos desenvolvidos com e a partir da escola indígena, como a revitalização e retomada de línguas, sendo a escola um locus privilegiado de políticas linguísticas. Neste sentido, o presente simpósio temático foca na partilha de experiências em educação escolar indígena, formação de professores (as) e revitalização/retomada de línguas indígenas. Serão acolhidas experiências de projetos com as licenciaturas interculturais, Ação Saberes Indígenas na Escola e maneiras de fazer/ser escola indígena.

ST45 - LUTAS E ALIANÇAS PELA TERRA: POVOS, SABERES E NATUREZA

Coordenação:

Antônio André Valécio de Jesus (Universidade de Coimbra)

Gangalo D. Santos (Universidade de Coimbra)

Paulo Alfredo Rocha (UNEB)

A intensificação da crise climática e da perda de biodiversidade tem imposto pressões inéditas sobre os territórios de povos indígenas e comunidades tradicionais, exigindo novas formas de resistência, produção de conhecimento e defesa socioambiental. Estudos como os do World Resources Institute indicam que entre 80% e 90% da biodiversidade global encontra-se nesses territórios, que abrigam apenas cerca de 6% da população mundial e ocupam aproximadamente 22% da superfície terrestre, colocando esses povos no centro do debate sobre proteção ambiental. Este simpósio propõe um espaço de diálogo interdisciplinar para refletir sobre como diferentes experiências e metodologias têm revelado e fortalecido a relação subjetiva, cultural e política de povos indígenas e comunidades tradicionais com os ecossistemas, mobilizando alternativas que reconhecem a Natureza como sujeito de direitos e elemento fundamental para suas cosmovisões e modos de vida. Pretende-se reunir pesquisadoras e pesquisadores, lideranças indígenas, juristas, ativistas ambientais e demais interessadas/os em debater processos de demarcação territorial, proteção dos bens comuns, justiça climática e epistemologias do Sul. As discussões irão articular experiências locais e internacionais, destacando práticas inovadoras que valorizam os saberes ancestrais, influenciam políticas públicas e criam novas formas de cartografar territórios ameaçados, inspirando alianças em defesa da vida.

ST46 - CURRÍCULO INTERCULTURAL DA ESCOLA INDÍGENA: HISTÓRIAS, TERRITÓRIOS E BASES EPISTÉMICAS NA FORMAÇÃO E PRÁTICA DE PROFESSORES INDÍGENAS

Coordenação:

Catarina Janira Padilha (Instituto Insikiran/UFRR)

Tacio José Natal Raposo (UERR)

Wagner Feitosa Avelino (UNESP)

O presente simpósio pretende debater e refletir aspectos educacionais, curriculares e pedagógicos como elementos dos Projetos Políticos Pedagógicos, bem como planejamentos e avaliações no processo de formação e prática docente na educação intercultural indígena. Considera-se a esse respeito o contexto histórico e territorial das lutas e conquistas que repercutiram em políticas públicas que consolidam os direitos educacionais dos povos, tendo em conta as garantias formalizadas a partir

da Constituição Federal de 1988. Ao adotar a tese do Indigenato como princípio, essa conquista representa o reconhecimento das lutas históricas dos povos indígenas por seus territórios, bem como de suas especificidades cosmológicas, dos saberes e práticas tradicionais que impactam diretamente o currículo, a formação e a atuação docente, além da formulação de políticas de acesso, permanência e financiamento voltadas à educação escolar indígena. Intenta-se reunir reflexões sobre os processos que constituem a formação e a práxis pedagógica em escolas específicas, interculturais e diferenciadas, considerando seus elementos, conceitos e diretrizes relacionados aos saberes e fazeres da docência. Tais aspectos influenciam diretamente a compreensão e definição de currículos interculturais, dos planejamentos e dos processos de avaliação presentes nos Projetos Políticos Pedagógicos das escolas indígenas no Brasil e na América Latina. Portanto, esse exercício visa promover diálogos que reúnam pesquisas de graduandos, pós-graduandos, professores da Educação Básica e do Ensino Superior, pesquisadores, lideranças e aliados envolvidos aos saberes e fazeres educacionais, bem como com os processos formativos e as práticas pedagógicas da docência intercultural indígena.

ST47 - RESISTÊNCIAS INDÍGENAS NO BRASIL COLONIAL

Coordenação:

Ane Luise Silva Mecnas Santos (UFRN)

Irene Vicente-Martín (Universidad de Salamanca)

Pablo A. Iglesias Magalhães (UFOB)

O simpósio temático tem como objetivo reunir trabalhos que buscam analisar as estratégias e as ações dos povos originários frente a defesa dos territórios, práticas culturais, tramas linguísticas, direito e autonomia diante dos projetos coloniais e as dinâmicas de trabalho. Dessa forma, lança-se o olhar sobre o processo colonial com lentes que nos permitam ampliar a compreensão do protagonismo indígena frente às dinâmicas de conquista. Pretende-se que esse espaço de debate seja composto por trabalhos que busquem analisar as constantes trajetórias dos povos originários, sob os pressupostos da Nova História Indígena, enfatizando as estratégias de resistência, as redes negociação e ressignificação dos mundos ao longo dos séculos. Nos últimos trinta anos é possível acompanhar uma multiplicidade de estudos que tentam analisar sob novas premissas narrativas cristalizadas pela historiografia tradicional, tensionando e problematizando o papel dos povos indígenas no processo de colonização. Essas pesquisas se encontram pautadas em pressupostos teóricos decoloniais, novas abordagens metodológicas e distintos corpus documentais. Diante do exposto, buscamos discutir o papel ativo das sociedades indígenas no Brasil colonial, evidenciando suas práticas ativas, práticas de resistência e suas formas de negociação e adaptação dentro do sistema colonial.

ST48 - DECOLONIALIDADE, DIREITOS HUMANOS E JUSTIÇA

Coordenação:

Sérgio Pessoa Ferro (UFOB)

Lorena Lima Moura Varão (UFT)

Natasha Karenina de Sousa Rego (UESPI)

O Simpósio Temático (ST) pretende acolher pesquisas inter/trans/multidisciplinares que coloquem em debate os estudos decoloniais na articulação com o campo dos direitos humanos. Em diálogo com Aníbal Quijano, Catherine Walsh e Walter Dignolo, Álvaro Gonzaga (2021) explica que o conceito de "descolonização" trata de estudos sobre os acontecimentos históricos de independência das ex-colônias, enquanto o termo "decolonialidade" envolve trabalhos direcionados à transformação das estruturas sociais, culturais e epistemológicas da modernidade eurocêntrica, questionando seu modo de interpretar o direito e a sociedade. Aventa-se ainda a perspectiva da contracolônização trazida pelo intelectual quilombola Nêgo Bispo. Assim, sob estas óticas, este ST visa construir um espaço de diálogo para a socialização de pesquisas orientadas pelas seguintes linhas de trabalho: a) direitos de povos originários, quilombolas e comunidades tradicionais; b) identidade, territorialidade e cidadania; c) novos processos de territorialização; d) povos em situação de fronteira; e) educação popular,

interculturalidade e movimentos sociais; f) cultura, discurso e poder; g) democratização da memória, história e direitos humanos; h) educação antirracista, direitos humanos e democracia; i) colonialidade de gênero e interseccionalidade; j) assessoria jurídica popular e indigenismo; l) acesso à justiça e concretização de direitos; m) povos indígenas, quilombolas e comunidades tradicionais em juízo. Estudos qualitativos baseados em pesquisas empíricas como relato de experiência, história oral, (auto)etnografia, estudo de caso, análise de obra artística, pesquisa documental, revisão bibliográfica, entre outras formas de produzir conhecimento, são bem-vindas.

ST49 - MATERNIDADES DIVERSAS Y POLÍTICAS DEL CUIDADO: UN ENFOQUE INTERDISCIPLINARIO Y CREATIVO

Coordenação:

Rosana Corral (Universidad de Cuenca, Ecuador)

Maria Teresa Galarza (Universidad de Cuenca, Ecuador)

La propuesta para este simposio temático es explorar la intersección entre las maternidades diversas y las políticas del cuidado. A través de un enfoque interdisciplinario y creativo, se busca analizar y reflexionar sobre las experiencias y saberes de las mujeres en torno al cuidado materno. Desde una perspectiva de género e interculturalidad, esta propuesta pretende contribuir al reconocimiento y valoración del trabajo maternal en el contexto de la región. Con un enfoque metodológico transdisciplinario y comunitario basado en la práctica artística y técnicas cualitativas, se busca una comprensión profunda y una representación culturalmente pertinente de las prácticas y saberes de cuidado de las mujeres-madres. Como resultados, se espera fomentar la participación activa y el empoderamiento de las participantes, contribuyendo a repensar las políticas y la economía del cuidado en Ecuador y la región. Un mayor entendimiento de las necesidades y desafíos que enfrentan las mujeres en el cuidado materno y sobre todo que el simposio temático sirva para la generación de conocimientos y recomendaciones para la construcción de políticas del cuidado más efectivas y sensibles a las necesidades de las mujeres.

ST50 - CARTOGRAFIAS DE REEXISTÊNCIA: SABERES COM O LUGAR E TERRITORIALIDADES VIVIDAS

Coordenação:

Thiago Donda Rodrigues (UFMS)

Leonardo Dourado de Azevedo Neto (UFMS)

Gabriel Willyan Pinheiro de Souza (UFMS)

Esse Simpósio Temático propõe reunir pesquisadoras e pesquisadores que mobilizam a cartografia, conforme elaborada e discutida inicialmente por Gilles Deleuze e Félix Guattari, como modo de produção de conhecimento em diálogo com grupos sócio/culturalmente identificáveis. A cartografia, pensada como modo de investigação rizomático, em fluxo e afetivo, desloca os saberes fixados e representacionais, abrindo espaço para escutas e registros atentos aos devires, às resistências e às forças que atravessam corpos, territórios e experiências. Interessam-nos práticas de investigação que se abrem ao sensível, que pensam com o lugar, com o corpo e com os modos de existência, recusando a separação entre sujeito e território. O Simpósio Temático pretende acolher trabalhos que atravessam experiências cartográficas na educação, nas artes, nos movimentos políticos e nas práticas de conhecimento que operem na contramão da colonialidade, reconhecendo as concepções de mundo e universo de indígenas e ribeirinhos como afirmação de mundos outros. Serão bem-vindas contribuições teóricas, relatos de experiências e investigações que tencionam os modos instituídos de saber e representem um exercício de reexistência.

ST51 - O PROTAGONISMO DAS MULHERES INDÍGENAS: NARRATIVAS, MEMÓRIAS E TRAJETÓRIAS DE SEU CORPO-TERRITÓRIO NA RECONSTRUÇÃO DO BEM VIVER

Coordenação:

Fabiana Lopes Saquiray (UFAM)

Valeria Marques Batista (UFRJ)

As mulheres indígenas são pilares fundamentais em suas aldeias, comunidades, movimentos indígenas e movimentos sociais, na luta pela defesa de seus direitos, territórios e culturas. Sua presença é marcante, exercendo liderança em diversos segmentos, do seio familiar, da roça e na esfera acadêmica. Mesmo diante das tentativas de invisibilizar sua força, elas se destacam na luta contra a ação de garimpeiros, madeireiros e grileiros que ameaçam seus modos de vida. Com isso, este simpósio tem o objetivo de fortalecer a voz e a atuação das mulheres indígenas, reconhecendo sua importância na preservação cultural, de seus saberes ancestrais, no espaço acadêmico, na luta contra as mudanças climáticas e na reconstrução do Bem Viver. Apesar das violências sofridas, silenciamentos e tentativas de apagamento, as mulheres indígenas vêm construindo processos de resistência e de produção dos sentidos dos modos de vida que constituem seus mundos, construindo conexões para continuarem a resistir, existir, e a se reinventarem/refazerem. As mulheres indígenas atuam organizando seu povo, nas assembleias, oficinas, associações, encontros em prol do empoderamento de suas etnias. Suas atuações buscam construir um futuro mais justo e igualitário para os diversos povos como os Baniwa, Tukano, Kokama, Tikuna, entre outros. O protagonismo das mulheres indígenas é uma expressão de resistência, resiliência e de descolonização do Poder, do Ser, do Saber e do Gênero. E é fundamental reconhecer o protagonismo das mulheres indígenas por meio de suas produções acadêmicas, ricas em memórias, narrativas e trajetórias, de forma a problematizar, visibilizar, suas reivindicações, e reconhecer o teor descolonizante nas suas lutas por saúde, educação, direitos e contra todas as formas de violências contra seus corpos-territórios.

ST52 - LÍNGUAS INDÍGENAS DE SINAIS - LIS E LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS - LIBRAS

Coordenação:

David Kaique Rodrigues dos Santos (Grupo de Trabalho Nacional das Línguas Indígenas de Sinais - GT LIS)

Letícia de Souza Magalhães Damasceno (UFBA)

Ronice Müller de Quadros (UFSC)

Este Simpósio Temático se propõe a agregar trabalhos que envolvam discussões sobre Estudos a respeito das Línguas Indígenas de Sinais – LIS e da Língua Brasileira de Sinais - Libras, com intuito de ampliar discussões a respeito do plurilinguismo para potencializar políticas educacionais e linguísticas que desconstruam a cultura fortemente monolíngue existente no país. Para tanto, almejamos agregar pesquisas que envolvam estudos teóricos e/ou práticos sobre a história das LIS, da Libras e das LES no que concerne aos estudos sobre os aspectos educacionais e linguísticos que abarquem reflexões e reformulações metodológicas de línguas de sinais, e que favoreçam estudos no plano de análise e descrição das LIS e da Libras, além de permitir uma revisão literária a respeito da diversidade linguística e sua função identitária, territorial, social, cultural e política em vários contextos sociais, escolar, acadêmico, sob um enfoque político linguístico das línguas de sinais existentes no Brasil. Espera-se ao fim deste ST que haja resultados de pesquisas que possam ser divulgados para a comunidade acadêmica e sirvam de “(re)caminho” para o reconhecimento, valorização, preservação, vitalização, cooficialização e oficialização das Línguas Indígenas de Sinais das diversas etnias indígenas brasileiras.

ST53 - ARQUEOLOGIA, PATRIMÔNIO CULTURAL E TERRITÓRIOS INDÍGENAS: DISPUTAS E RESSIGNIFICAÇÕES

Coordenação

Lennon Oliveira Matos (UNEB)

Géssika Souza Macêdo (UNEB)

Jéssica Rafaella de Oliveira (UNEB)

Considerando o recente avanço do Projeto de Lei nº 2.159/2021, que busca reformular as diretrizes do licenciamento ambiental, nota-se um contexto de ataques e retrocessos ao patrimônio cultural e a proteção do meio ambiente. Tal situação implica também nas ações da Arqueologia na avaliação do potencial de impacto das obras sobre tais bens culturais e territórios. Além disso, as ações da

Arqueologia possui a peculiaridade de caracterizar o que é patrimônio cultural e se apropriar destes bens para análises e pesquisas, por vezes, levando a disputas com as populações indígenas, por exemplo. As atuais discussões sobre repatriação e restituição de bens culturais também demonstram a relevância dos questionamentos sobre o discurso oficial da Arqueologia, que justifica suas ações pelo interesse científico. Isto posto, destaca-se a importância das vozes e da atuação das populações indígenas na busca pela autonomia da salvaguarda de seus bens culturais, que ainda são insuficientes em meio ao cenário de disputas narrativas e territoriais. Tal cenário evidencia uma incapacidade atual dos instrumentos legais e das instituições públicas na salvaguarda do patrimônio cultural e dos territórios indígenas. Diante da conjuntura atual, este Simpósio busca articular os diálogos em três eixos: a) a importância da Arqueologia para a proteção e identificação de Territórios Indígenas e os impactos decorrentes dos projetos de Licenciamento Ambiental; b) o Patrimônio Cultural apropriado por instituições científicas nacionais e estrangeiras e as atuais ações de salvaguarda, restituição e repatriação destes bens culturais; c) a articulação entre patrimônio arqueológico e saberes das comunidades locais. Desse modo, o objetivo deste Simpósio é promover um espaço para discussões e elaborações de ressignificações a respeito da Arqueologia, Patrimônio Cultural e Territórios Indígenas.

ST54 - ELITES INDÍGENAS NA IBERO-AMÉRICA: AGÊNCIAS, EXPERIÊNCIAS E PROTAGONISMOS (SÉC. XVI-XIX)

Coordenação:

David Barbuda Ferreira (UFMG)

Carlos Hugo Hurtado Ames (Universidad Nacional Mayor de San Marcos)

Adriano Toledo Paiva (IFMG)

O estudo das elites indígenas no período colonial, tanto na América Portuguesa quanto na Espanhola, revela um amplo e complexo cenário de negociações, adaptações, resistências e reconfigurações de poder. Entre os séculos XVI e XIX, essas elites desempenharam papéis fundamentais na administração colonial, nas guerras de conquista, na manutenção de hierarquias sociais e na luta por terras e direitos, redefinindo suas estratégias de sobrevivência em face às mudanças provocadas pelos processos de conquista. Longe de serem meros agentes passivos, as elites indígenas demonstraram uma notável capacidade de articulação, buscando preservar e ampliar seus espaços de poder e influência na sociedade americana que estava em construção. A categoria "elite indígena" não era homogênea, nem linear e abarcava diferentes níveis de liderança, prestígio e poder. Na América espanhola, a elite indígena era composta por caciques principais e governadores, cargos com raízes pré-hispânicas relacionados à chefia política e estabelecidos por sucessão hereditária. Na América Portuguesa, a figura central da elite indígena era o "índio principal". Com desenrolar da colonização, esses "principais" passaram a ocupar o cargo de "Governador dos índios", atuando como um elo entre os aldeamentos e as autoridades régias. Na segunda metade do século XVIII, com as reformas pombalinas, novas estruturas surgiram estabelecendo o "principalato" como base da elitização indígena. Nesta perspectiva, este ST tem por objetivo estabelecer um diálogo entre pesquisadores que se dedicam ao estudo das Elites Indígenas na Ibero-América, dando ênfase em suas agências, resistências e demais experiências históricas. A proposta é que os trabalhos abordem as populações indígenas e suas elites no recorte temporal e espacial delimitado. Por fim, este ST tem o propósito de incentivar o debate entre pesquisadores (as) em diferentes momentos de formação, que apresentem análises inovadoras sobre o tema proposto.

ST55 - CONFLUÊNCIAS DOS VALORES CIVILIZATÓRIOS INDÍGENAS E AFRO-BRASILEIROS PARA PENSAR A EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS

Coordenação:

Eduardo Oliveira Miranda (UEFS)

Maiara Damasceno da Silva Santana (UFBA)

Mariana Fernandes dos Santos (UFBA)

Ao longo das duas últimas décadas, acompanhamos a materialização das políticas educacionais com ênfase nas Leis 10.639/03 e 11.645/08, como fundamentos ético, político e epistêmico para a Educação

das Relações Étnico-Raciais. É diante do legado civilizatório desses povos que buscamos reunir, neste Simpósio Temático (ST), trabalhos que promovam confluências epistemológicas com base nas referidas leis, forjando implicações políticas para a construção de uma sociedade antirracista que preconize a Educação das Relações Étnico-Raciais em todas as instâncias institucionais que sustentam o modo de operar do Estado brasileiro, especialmente nos âmbitos da Educação Básica, da Graduação e de espaços formativos não escolares. Dito isso, este ST convida pesquisadoras(es), educadoras(es), lideranças comunitárias, estudantes e demais interessadas(os) nas lutas por uma educação antirracista e decolonial a compartilharem reflexões, práticas e pesquisas que articulem os valores civilizatórios dos povos indígenas e afro-brasileiros de maneira interseccional e confluyente. Buscamos reunir trabalhos que, a partir da ancestralidade, da oralidade, da espiritualidade, da coletividade, da relação comunitária com o território e com a natureza, apontem caminhos para a construção de uma (re)educação das relações étnico-raciais. Serão bem-vindas experiências escolares, comunitárias, produções acadêmicas e práticas pedagógicas que promovam o diálogo entre os modos de existência e resistência desses povos. Interessa-nos pensar a educação como espaço de reencantamento, afirmação identitária, reparação epistêmica e ontológica dos povos colonizados, propondo, assim, rotas, linhas de fuga, práticas, metodologias e práxis formuladas a partir dos corpos-territórios que seguem sendo alvos preferenciais das políticas de inimizade.

ST56 - EDUCAÇÃO, ENSINO DE HISTÓRIA E ANTROPOLOGIA: POSSIBILIDADES E ENCONTROS ENTRE SABERES TRADICIONAIS E DEBATES INTERDISCIPLINARES PARA OS MUNDOS INDÍGENAS

Coordenação:

Claudia Regina Nighnig (UNESPAR)

Felipe Bruno Martins Fernandes (UFBA)

Regina Ingrida Bragagnolo (UFSC)

O Simpósio Temático “Educação, Ensino de História e Antropologia: possibilidades e encontros entre saberes tradicionais e debates interdisciplinares para os mundos indígenas” reúne pesquisas que articulam o Ensino de História, a Educação e a Antropologia a partir de perspectivas decoloniais, anticoloniais, de gênero, sexualidades, feminismos, interseccionalidades e memória. Partindo das Leis nº 10.639/2003 e 11.645/2008, que tornaram obrigatório o ensino da História e da Cultura Afro-Brasileira, Africana e Indígena, os trabalhos desse grupo propõem refletir, a partir da interculturalidade, as potencialidades didáticas e formativas, bem como analisar a obrigatoriedade do ensino como uma política de reparação, que deve ocorrer em todos os níveis de ensino, da educação básica à universidade. Por meio de metodologias que garantam a escuta sensível das narrativas indígenas e da valorização de seu protagonismo enquanto pesquisadoras/es, o Simpósio pretende problematizar tanto as pesquisas de campo quanto as intervenções educacionais e extensionistas. Em particular, buscamos articular as políticas públicas locais e globais, identificando desafios e oportunidades para a implementação efetiva das leis no currículo e em espaços de formação continuada para garantir a permanência de povos originários em espaços escolares.

ST57 - HISTÓRIA DOS POVOS INDÍGENAS DO BRASIL: LUTAS, DIREITOS E RESISTÊNCIAS

Coordenação:

Diogo Francisco Cruz Monteiro (SEMED, Aracaju-SE)

Angelita Queiroz (UFSC)

Liliane da Silva Santos (UFRJ)

Os indígenas do território brasileiro são objeto de pesquisa privilegiado nas mais diversas searas do conhecimento, a saber: História, Antropologia, Direito, Linguística, entre outras. Os estudiosos observam o processo de contato entre indígenas e não indígenas, onde aqueles são vistos como indivíduos misturados, desprovidos de seus traços culturais nativos. Destacam-se os fenômenos da etnogênese e o protagonismo indígena, que promovem a emergência de novas identidades e a reinvenção de etnias já reconhecidas. Este simpósio reunirá trabalhos que tratam do contato interétnico, protagonismo e agência indígena no Brasil, suas contribuições significativas nas artes, os rituais religiosos, as relações de parentesco, a educação para e/ou sobre indígenas, indigenismo, e o

reconhecimento de direitos, além das imagens construídas acerca dos povos originários. Incluiremos trabalhos que proporcionem reflexões que instiguem um olhar sensível e acolhedor para os povos indígenas, exercitando a pedagogia da escuta e o diálogo intercultural, em diferentes espaços educacionais e culturais. Pretendemos compor um grupo que reflita sobre as demais questões pertinentes à trajetória histórica e lutas de resistência dos indígenas do Brasil e da América Latina.

ST58 - TEXTUALIDADES INDÍGENAS: LINGUAGENS PLURAIS, ANCESTRAIS E CONTEMPORÂNEAS

Coordenação:

Rinah de Araújo Souto (UFPB)

Vanessa Augusta do Nascimento Brandão (UNESP)

Joel Vieira da Silva Filho (UFAL)

Este simpósio temático propõe reunir pesquisas que investiguem as múltiplas formas de textualidades indígenas, compreendidas como práticas de inscrição e transmissão de saberes que se manifestam em linguagens plurais: literária, visual, oral, corporal, onírica, performativa e espiritual. Interessa-nos refletir sobre produções contemporâneas e ancestrais de autoria indígena em prosa, poesia, cartas, narrativas orais, visuais, manifestos, performances, grafismos, cantos e rituais, entendendo tais expressões como formas de produção de conhecimento, pensamento, criação e resistência. O simpósio acolhe propostas que discutam essas textualidades não apenas como objetos de análise, mas como modos de existir e de se relacionar com o mundo, o território e a memória ancestral. Entendemos que essas textualidades não se submetem a categorias ocidentais de leitura e interpretação, exigindo abordagens críticas abertas a epistemologias outras, contracoloniais, insurgentes. São especialmente bem-vindos trabalhos que promovam o diálogo entre textualidades indígenas e campos como literatura, artes visuais, educação, antropologia, filosofia, sociologia, comunicação, bem como trabalhos que problematizam os atravessamentos entre linguagem, corpo, terra e oralitura. Este espaço pretende fomentar escutas sensíveis e éticas diante da diversidade de formas de narrar e ensinar que os povos originários compartilham e recriam, contribuindo para o deslocamento das práticas acadêmicas em direção a perspectivas comprometidas com o vivo, o plural e o coletivo.

ST59 - CIRCULAÇÃO DE MULHERES INDÍGENAS: CUIDADO, RESISTÊNCIA E EXPERIÊNCIA

Coordenação:

Rosijane Fernandes Moura (UFAM)

Marilene Aicate Peres (UFAM)

A circulação e mobilidade de mulheres indígenas pelo país e pelo mundo está em ascensão. Desde que as mulheres adentraram nos espaços que comumente não eram ocupadas por elas, principalmente por mulheres indígenas, nos chamados espaços públicos como: nas universidades, na política, na liderança de movimentos, dentre outros. Elas levam consigo os locais que seus corpos ocupam, ou melhor, lugares que elas sempre estiveram presentes, porém não eram protagonistas nessas que chamamos de “circulação de mulheres”, em destaque as mulheres indígenas. Sabe-se que a circulação é decorrente de fatores diversos como na comercialização, luta pelos direitos através dos movimentos indígenas, crescimento profissional e acadêmico. Deste modo, a proposta deste Simpósio Temático é debater como a circulação é feita, onde, para que, o que muda para elas a partir da circulação e quais são os cuidados tomadas por elas quando saem de seus territórios. Nesse sentido, receberemos trabalhos sobre assuntos voltadas às mulheres indígenas e suas circulações nos diversos espaços que seus corpos se fazem presentes, bem como quais são os cuidados ancestrais feitos por elas ao realizarem as mobilidades e circulações fora de seus territórios.

ST60 - EPISTEMOLOGIAS INDÍGENAS E DIÁLOGOS INTERCULTURAIS NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES INDÍGENAS

Coordenação:

Vanderlúcia da Silva Ponte (UFPA)
Érico Silva Alves Muniz (UFPA)
Magno Kamiran Tembé (UEPA)

Após a superação de modelos assimilacionistas na educação dos povos indígenas várias experiências em todo o Brasil, por meio das Licenciaturas Interculturais Indígenas, têm demonstrado muitos avanços no diálogo intercultural entre as universidades e os povos indígenas. Essas experiências têm transformado, ou ao menos, possibilitado reflexões sobre os projetos políticos pedagógicos hegemônicos e apontado para o reconhecimento das epistemologias indígenas, as quais podem promover diferentes ferramentas metodológicas e didáticas no processo ensino aprendizagem. Pensar e construir uma educação territorializada, que considera a dimensão ancestral entre humanos e não humanos; em que corpos-objetos, animais-pessoas, plantas-pajés, rios e florestas atuam como interlocutores e espaços de aprendizagem, nos convoca a refletir que o processo de ensinar e aprender se constrói no tempo-espaço da aldeia, no chão do território, no fazer cotidiano desses povos. Há cada vez mais interesse crescente de educadores, pesquisadores e gestores escolares em analisar essas experiências, a partir de abordagens interdisciplinares e interculturais, e entendê-las como ferramentas contracoloniais para a construção de novas epistemologias, mais alinhadas às realidades escolares dos territórios indígenas. Esse Simpósio Temático se propõe a acolher trabalhos com potencial para abordagens interepistemológicas que se proponham a transformar o espaço da escola em vivências educativas territorializadas, em diálogo com pesquisadores e teóricos indígenas.

ST61 - A OBRIGATORIEDADE DO ESTUDO DA HISTÓRIA E CULTURA DOS POVOS ORIGINÁRIOS DA ABYA YALA PELO VIÉS DA LEI 11.645/2008

Coordenação:
Sonyellen Fonseca Ferreira Fiorotti (UFRR)
Eglen Silvia Pipi Rodrigues (UFR)
Suely Maria Pires (UFMT)

O simpósio temático, que ora se apresenta, propõe um diálogo reflexivo, por meio das produções de pesquisadores, educadores indígenas e não indígenas, bem como outros interessados no processo histórico de implantação da Lei 11.645/2008, que tornou obrigatório em todas as instituições de ensino brasileiro, além da temática da afro-brasilidade, também o Ensino da História e Culturas dos Povos Originários no Brasil. O objetivo deste Simpósio é “Trazer à Baila” o protagonismo dos Povos Originários, na edificação das sociedades pós-colonizadas na Abya Yala (América). Para tanto, serão aceitas produções que discutam dentro da temática “Políticas indigenistas e indígenas – séculos XX e XXI: lutas e conquista”: História e Historiografia Indígena; Políticas Educacionais Indígenas e Indigenistas; Currículos Educacionais; Práticas Pedagógicas e Docentes; Formação de Professores; Descolonização de Saberes; Direitos Indígenas; Pesquisa e Produção de Conhecimento em História e Historiografia Indígena; Educação e Povos Indígenas; Resistências Indígenas; Terra, Território e Territorialidades Indígenas; Línguas Maternas; Narrativas Indígenas e Protagonismo Indígenas por meio da Literatura Nativa. Espera-se, portanto, que a temática em questão possa erigir, por meio de suas produções, uma consciência histórica, reconhecendo a vital contribuição dos Povos Originários, que se encontram na base de constituição das sociedades Abyayalenses formando, não só a nossa Identidade Nacional Brasileira, mas também de todos os países que formam a Abya Yala (Continente Americano).

ST62 - ETNOPOLÍTICA E DESAFIOS DAS COMUNIDADES INDÍGENAS

Coordenação:
Tatiana Gonçalves de Oliveira (UESPI)
Renata Ferreira de Oliveira (IFNMG)

Para diversos grupos tradicionais, a terra é a mãe que gesta a vida. A proteção de povos e territórios tradicionais envolve uma série de diretrizes voltadas à garantia da posse da terra. O território é o lugar de reelaboração concreta das experiências, por essa razão, os modos de vida próprios, assim como a preservação dos saberes ancestrais, compõem o que denominamos de etnopolítica. Nesse sentido,

viver e proteger os territórios abarca não somente as ações que monitoram as terras, mas as diversas maneiras de proteger e garantir a existência física, cultural e cosmológica dessas e de futuras gerações. As estratégias acionadas pelos povos e comunidades tradicionais, para permanecerem vivos em defesa de seus patrimônios, as maneiras de realizarem a proteção territorial e ambiental, resguardarem as suas identidades e elaborarem as táticas de lutas, têm exposto as contradições do capitalismo e são em sua medida, respostas às crises sistêmicas. Como componentes da etnopolítica destacamos a educação escolar, a governança comunitária, a gestão territorial e ambiental, os protocolos de consulta livre, prévia e informada, o direito à autodeterminação e as estratégias de lutas por dentro do Estado. Dessa maneira, o objetivo desse espaço de diálogo é refletir acerca da etnopolítica a partir das diversas maneiras que os Povos e as Comunidades Tradicionais Indígenas se articulam na defesa de seus territórios, buscam um bem viver e constroem táticas de proteção territorial. Nesse sentido, esse ST receberá propostas que pensem as agências indígenas ao longo da História a partir da luta pelo território, pela terra e pelos saberes tradicionais.

ST63 - VOZES, CORPOS, LETRAS: A LITERATURA INDÍGENA E A HISTORIOGRAFIA LITERÁRIA BRASILEIRA

Coordenação:

Viviane Cristina Oliveira (UFT)

Fabíola Guimarães Pedras Mourthé (CEFET-MG)

Dinameire Oliveira Carneiro Rios (UFT)

No capítulo intitulado “Iniciações”, do livro *Contrapontos da Literatura Indígena Contemporânea no Brasil*, Graça Graúna (2013, p. 15) apresenta a literatura indígena enquanto “lugar utópico (de sobrevivência)”, espaço tecido na potência épica da oralidade, em que vozes silenciadas no duradouro e extensivo processo de colonização podem se encontrar. Considerando a representação por vezes estereotipada em relatos, crônicas e romances e/ou o apagamento de corpos e vozes indígenas nos panoramas historiográficos da literatura brasileira, bem como tendo em vista a relevância da produção de autores e autoras indígenas que, na contemporaneidade, desafiam os cânones, neste simpósio almejamos reunir trabalhos dedicados tanto aos silenciamentos como às representações das vozes indígenas na literatura brasileira. Deste modo, são bem-vindos trabalhos que discutem questões relacionadas à representação indígena na literatura brasileira e à literatura indígena desde as produções do período colonial brasileiro às produções de autores românticos, modernos e contemporâneos, por exemplo, lidos a partir de conceitos e estudos críticos da contemporaneidade. Esperamos, assim, reunir em diálogo propostas voltadas à percepção do potencial dos textos narrativos e poéticos que pertencem a grupos étnicos sistematicamente excluídos da cultura moderna do impresso, grupos que nos conduzem a repensar um estar no mundo de forma mais ética, que considere, tal como sugere Eduardo Viveiros de Castro (2006, p. 356) ao tratar do “perspectivismo ameríndio”, um “referencial comum a todos os seres”, um referencial que considere a humanidade não como espécie, mas como condição.

ST64 - LITERATURAS, MÍDIAS E ARTES INDÍGENAS

Coordenação:

Elizabeth Gonzaga de Lima (UNEB)

Randra Kevelyn Barbosa Barros (UESC)

Carlos Augusto de Melo (UFU)

O protagonismo indígena tem se revelado cada vez mais potente na cena cultural contemporânea. Esses sujeitos buscam se inserir em diferentes espaços com o intuito de ecoar e fortalecer as vozes dos povos originários, que historicamente foram silenciadas pela lógica colonial do poder hegemônico ocidental. Nesse sentido, as pessoas indígenas têm ampliado seus modos de expressão e se apropriado de vários instrumentos artísticos, literários e midiáticos, externos às suas comunidades, como ferramentas políticas de luta e resistência contracolonial a qualquer tipo de sistema de opressão imposto às manifestações de pensamento e intelectualidade indígenas. A produção de textualidades, a partir do código letrado, a conquista dos territórios digitais e a construção de obras para ocuparem galerias, museus e outros circuitos culturais são exemplos do processo contemporâneo de expansão

dos meios e campos de expressão indígena. Neste simpósio, considerando a efervescência dessas práticas, busca-se acolher estudos que, das mais diversas áreas de conhecimento, reflitam acerca das escritas, linguagens e tecnologias utilizadas por pessoas indígenas, podendo contemplar análises, reflexões e discussões de textos literários, de mídias indígenas, das artes indígenas contemporâneas, dentre outras abordagens.

ST65 - PARA UMA MUSEOLOGIA SOCIAL: POVOS INDÍGENAS, AFROLATINO-AMERICANOS-CARIBENHOS E COMUNIDADES TRADICIONAIS NA GESTÃO DE POLÍTICAS E ACERVOS MUSEAIS

Coordenação:

Romina Celona (Museu Nacional/UFRJ)

Tonico Benites Avá Kaiowá (Museu Nacional/UFRJ)

A partir da década de 1970, a progressiva democratização dos museus vem promovendo o estímulo à sua função social, resultado das reivindicações das comunidades neles representadas, destacando-se o caráter inovador e contra-hegemônico da experiência latino-americana e caribenha. Iniciativas como o Museo de la Revolución (Havana, 1959), a Declaração de Santiago (Chile, 1972), a Declaração de Oxtapec (México, 1990), o Plano Nacional Setorial de Museus (Brasil, 2010), entre outras, constituem marcos de uma nova museologia, mais justa e participativa. Este simpósio visa reunir investigações que iluminem práticas museais protagonizadas por povos indígenas, comunidades tradicionais, ribeirinhos, quilombolas, rom/calon/sinti, faxinalenses, pantaneiros, caiçaras, pescadores artesanais e quebradeiras de coco babaçu, contemplando também comunidades de terreiro, camponesas e de favelas. Esperam-se investigações, projetos, relatórios técnicos, memoriais, cartografias, estudos de caso, cadernos de campo e experiências etnográficas referentes à requalificação de acervos, à participação, à gestão e às curadorias compartilhadas, no âmbito de museus nacionais, instituições privadas, museus indígenas ou museus universitários, bem como qualquer experiência que reconheça e fortaleça o protagonismo na gestão da diversidade cultural, religiosa e territorial. Busca-se contemplar experiências museais que ofereçam alternativas para a construção de normativas, gestão institucional e políticas públicas inclusivas, que se proponham a questionar os fundamentos coloniais presentes nas instituições e práticas museológicas.

ST66 - MUNDOS COLONIAIS: O VIVER EM COLÔNIAS NA PRIMEIRA MODERNIDADE E OS POVOS INDÍGENAS NA ABYA YALA

Coordenação:

Charles Nascimento de Sá (UNEB)

André Figueiredo Rodrigues (UNESP/Assis)

O Simpósio Temático “Mundos coloniais: o viver em colônias na Primeira Modernidade” tem como principal objetivo promover um espaço de reflexão e intercâmbio acadêmico sobre as dinâmicas do viver em colônias durante a Época Moderna, articulando as sociedades originárias da América e suas experiências à constituição dos impérios coloniais europeus, com ênfase nas realidades ibéricas. A proposta visa reunir pesquisas que analisem a complexa formação das sociedades coloniais, entendidas como espaços de encontro, confronto e negociação entre diferentes culturas, sistemas de poder e formas de sociabilidade; assim como o pensar o mundo ibérico e suas conexões com o mundo colonial americano. Nesse contexto, busca-se discutir a constituição de estruturas políticas e administrativas coloniais, a imposição e contestação de autoridades, os conflitos sociais e suas formas de resolução, bem como a emergência de múltiplas identidades – étnicas, culturais, religiosas e políticas – que se desenvolveram nesses territórios, de modo particular aquelas oriundas das comunidades indígenas aqui residentes. Serão igualmente centrais os debates em torno das práticas religiosas e seus processos de hibridização, da escravidão e da cultura escravista, analisando como tais elementos moldaram os cotidianos e os imaginários sociais. O Simpósio acolhe abordagens interdisciplinares, incentivando o diálogo entre diferentes campos do saber histórico e das Ciências Humanas que compõem o universo da História. Ao reunir trabalhos oriundos de diversas tradições historiográficas, pretende-se enriquecer a compreensão sobre os múltiplos aspectos da experiência colonial e contribuir para a renovação dos estudos sobre a Época Moderna e os impérios coloniais.

ST67 - POLÍTICAS INDIGENISTAS E INDÍGENAS NO SÉCULO XXI: ENTRE CONQUISTAS E AMEAÇAS

Coordenação:

Alicia Ferreira Gonçalves (UFPB)

Luan Gomes dos Santos de Oliveira (UFCG)

Alcides Fernando Gussi (UFC)

O retorno do Brasil ao cenário mundial como protagonista central na cena ambiental ocorre de forma concreta e simbólica na COP27, realizada em novembro de 2022, no Egito, onde o Presidente Luiz Inácio Lula da Silva anunciou a criação do Ministério dos Povos Indígenas, reafirmando seu compromisso com a autodeterminação dos povos e com a participação indígena na governança política nacional. Reforça-se que a Constituição Federal de 1988 dedicou um capítulo ao meio-ambiente (Capítulo V, art. 225), consagrou direitos indígenas ao usufruto exclusivo dos recursos naturais em terras indígenas (Capítulo VIII, art. 231, § 2º), inclusive flexibilizando o conceito de tutela presente no Estatuto do Índio (Lei n. 6.001/1973). O Decreto de n. 6040/2007 instituiu o conceito jurídico de povos e comunidades tradicionais, que liga simbioticamente povos e territórios. Arelada ao referido Decreto instituiu-se a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais – PNPCT. Em 2012 entra em vigor o Decreto nº 7.747/2012 – instituindo a Política Nacional de Gestão Territorial e Ambiental Indígena (PNGATI). O cenário político contemporâneo tem aprofundado o problema da questão socioambiental brasileira com o PL da devastação, que reforça o ecocídio, com o problema do agronegócio e suas monoculturas. Serão bem-vindas pesquisas etnográficas, cartografias sociais e simbólicas que exemplifiquem casos de articulação social, política e simbólica entre espaços sociais locais, nacionais e transnacionais, trazendo à tona a relação entre o fazer Estado, Povos indígenas e Políticas indigenistas, com seus desafios e ameaças em tempos de injustiça climática.

ST68 - COSMOLOGIAS INDÍGENAS, LITERATURA E TRADUÇÃO: DIANTE DO ANTROPOCENO

Coordenação:

Adalberto Müller Junior (UFF)

Alexandre André Nodari (UFSC)

Marina dos Santos Ferreira (UFSC)

Neste Simpósio queremos reforçar os vínculos entre as discussões sobre o Antropoceno (e suas versões conceituais) e os múltiplos entrelaçamentos das cosmologias indígenas com a literatura e a tradução. Interessa-nos fundamentalmente colocar em questão o lugar da literatura diante da crise climática e das catástrofes que o novo milênio está anunciando, sobretudo no momento em que a literatura e os estudos de tradução esboçam um contato com as cosmologias indígenas e com as literaturas e as artes de autoria indígena. Sabemos que os fundamentos da modernidade e do capitalismo que criaram o Antropoceno estão bem visíveis na crise generalizada de um modelo de controle e da dominação da natureza que se pauta pela reificação violenta da vida e por uma visão de mundo pautada pela noção de excepcionalidade humana diante de outros modos de existência. Na contramão disso tudo, as cosmologias indígenas, que sustentam uma forma de vida relacional entre seres humanos e não-humanos, têm demonstrado que as decisões políticas sobre a vida no planeta exigem que sejam levadas a sério outras vozes e saberes, como de entes não-humanos que compartilham conosco o cosmos. Nessa perspectiva, a partir das artes, das técnicas e das literaturas indígenas, propomos com este simpósio estabelecer um diálogo de cosmopolíticas que nos permita pensar um outro futuro, quiçá um “futuro ancestral” de modo a refletir, com tais saberes, sobre o tempo de crise em que vivemos.

ST69 - (RE)TERRITORIALIZAÇÃO, TERRITORIALIDADE E OUTRAS ENCRUZILHADAS TERRITORIAIS INDÍGENAS

Coordenação:

Alanna Souto Cardoso (Instituto de Pesquisa do Projeto Cartografando Saberes)

Felipe William dos Santos Silva (UFPA)

Nesse simpósio temático, buscamos debater as investigações voltadas para os processos de territorialização em suas inúmeras situações históricas engendradas, seja pelo Estado Colonial, seja pelo Estado Nacional, em que pese as emergências indígenas que passam a serem auto demarcadas e declaradas desde a constituinte de 1988. Afinal, a Constituição conseguiu, de fato, corresponder aos direitos territoriais e políticos das organizações nativas, bem como dos bens patrimoniais indígenas deslocados ou invisibilizados sob o falso manto da “democracia racial” na cidade e no campo? O tempo linear, ocidental, é capaz de qualificar a tradicionalidade da ocupação indígena? A imemorialidade ou datação da posse são os únicos critérios para reconhecimento do direito territorial? Além do texto constitucional ter desvinculado o direito das comunidades indígenas da perspectiva arqueológica e da linearidade temporal, sendo assim não exigiu a posse imemorial, nem sua datação, mas sim a sua tradicionalidade. Nessa direção, observa-se ainda as encruzilhadas das memórias tradicionais ribeirinhas a partir das retomadas indígenas na cidade e no campo seus processos de reterritorialização enquanto uma etnogênese desse “terceiro espaço”, que se localiza essas identidades indígenas e suas territorialidades políticas das fronteiras/encruzilhadas mestiças entre a resistência identitária e a aculturação.

ST70 - CIRCULAÇÃO DE RENDA ENTRE POVOS ORIGINÁRIOS: ETNOGRAFIAS SOBRE DINHEIRO, SABERES E RESISTÊNCIAS

Coordenação:

Marilene Aicate Peres (UFAM)

Erica Fabricia Melo Moreira (UFAM)

Socorro de Souza Batalha (UFAM)

Ao reconhecermos povos originários como protagonistas de seus próprios sistemas de conhecimentos, percebemos que a multiplicidade de valores, conceitos e doações desafia qualquer tentativa de categorização, eles integram a circulação do dinheiro ao seu modo de vida tanto por meio da adesão a políticas públicas de transferência de renda nos âmbitos regional, estadual e nacional, quanto pela comercialização de produtos artesanais ou de itens do extrativismo, como peixes, sementes, etc. A inserção no mercado e às políticas públicas impõem novas formas de organização e resistência, levando as comunidades a repensarem seus modos tradicionais de subsistência e adaptação às mudanças estruturais da economia. Além disso, é fundamental refletir sobre os desafios e oportunidades que essa dinâmica financeira apresenta aos povos tradicionais. Essas questões são centrais para um debate que busca compreender a complexidade das relações econômicas e sociais. A análise da circulação de renda nas comunidades indígenas e não indígenas permite compreender não apenas a dimensão econômica dessas trocas, mas também os valores simbólicos e as relações sociais que se estabelecem a partir delas. Diante desse panorama, este ST propõe discutir como a movimentação de dinheiro, a partir dos trabalhos de campo e suas respectivas etnografias essa discussão se entrelaça com a arte, territórios, a educação, a cultura, a ancestralidade e as perspectivas para um bem-viver, considerando os distintos contextos e realidades. Palavras-chave: povos originários, dinheiro, etnografias.

ST71 - ANTROPOLOGIA JURÍDICA, DIREITOS INDÍGENAS E POLÍTICAS PÚBLICAS: DESAFIOS E PERSPECTIVAS A PARTIR DO COPIBA NA BAHIA

Coordenação:

Caio Coêlho de Oliveira (UNEB/UCSAL)

Mara Rute dos Santos Lima Herclin (CAESE/CEAEDD-FRA)

O simpósio temático propõe reunir pesquisas e discussões interdisciplinares sobre os direitos indígenas na Bahia, com ênfase na atuação do Conselho Estadual dos Direitos dos Povos Indígenas (COPIBA) enquanto órgão estratégico para a formulação, fiscalização e articulação de políticas públicas voltadas aos povos originários. Criado pela Lei nº 11.897/2010, o COPIBA representa uma inovação institucional no Estado, promovendo o diálogo entre lideranças indígenas e instâncias governamentais em defesa da territorialidade, da diversidade cultural e do bem-viver. Sob a perspectiva da Antropologia Jurídica,

busca-se compreender o Direito como um fenômeno culturalmente situado, analisando as práticas normativas, os saberes ancestrais e os processos de resistência dos povos indígenas frente às estruturas estatais. Essa abordagem permite problematizar o papel do COPIBA na mediação de conflitos fundiários, na efetivação dos direitos constitucionais e na construção de uma política pública intercultural que reconheça os modos de vida indígenas. O simpósio incentivará a apresentação de estudos que articulem as noções de pluralismo jurídico, epistemologias decoloniais e direitos coletivos, ampliando o debate sobre a Política Estadual de Proteção aos Povos Indígenas e fortalecendo o reconhecimento das histórias, saberes e territorialidades indígenas no Estado da Bahia.